BOSQUEJOS

POETICOS

OU

COLLECÇÃO DE POESIAS

SOBRE VARIOS ASSUMPTOS,

DEDICADOS AO ILL.^{mo} SR. CAPITÃO

MANUEL RIBEIRO DE ALMEIDA,

Official da Ordem da Rosa, Cavalleiro da de Christo, &c., &c., &c.;

POR

Manuel Antonio Ferreira da Silva.

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE LAEMMERT

Rua do Lavradio, 53.

1846

BOSQUEJOS POETICOS.

Entre os bosquejos de suaves cores
Vão nascendo os primeiros resplandores.

Ulliss.

BOSQUEJOS
POETICOS

OU

COLLECÇÃO DE POESIAS

SOBRE VARIOS ASSUMPTOS,

DEDICADOS AO ILL.mo SR. CAPITÃO

MANUEL RIBEIRO DE ALMEIDA,

Official da Ordem da Rosa, Cavalleiro da de Christo, &c., &c., &c.;

POR

Manuel Antonio Ferreira da Silva.

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE LAEMMERT

Rua do Lavradio, 53.

1846

DEDICATORIA.

Ill.^{mo} Sr.

Ao offerecer a V. S., nas presentes paginas, os silvestres fructos que, com mão inexperta, colhi nas minhas digreſsões sobre as fraldas do Parnaso, pois nem a todos he dado subir ao seu cume,

foi meu primeiro impulso, a exemplo de quasi todos os Autores de Dedicatorias, mas sem faltar á verdade, como alguns d'elles, tecer o elogio do generoso e digno Mecenas, sob cujos auspicios ouso affrontar a publica censura; porêm lembrando-me que entre as grandes virtudes, e excellentes qualidades que formam o caracter de V. S., sobresahe a modestia que, em gráu tão eminente, as realça,

retrahiu-me o temor de offendel-a,
e quiz antes ser omisso na expressão
dos meus sentimentos, do que
tornar-me panegyrista indiscreto.

Limito-me por tanto a rogar
a V. S., que se digne acolher
esta minha pequena offerta, como
hum debil, porêm sincero teste-
munho da cordial affeição, e do
eterno agradecimento que lhe con-
sagro, por tantas provas, como me
tem dado, do seu valioso prestimo,

e summma benevolencia; convencendo-se que sou com a mais distincta consideração e respeito

De V. S.,

Ill.^mo Sr. Manuel Ribeiro de Almeida,

Verdadeiro amigo, e obrigadissimo servo,

Manuel Antonio Ferreira da Silva.

PROLOGO.

Venho hoje timidamente apresentar ao Publico os mesquinhos fragmentos de minhas lucubrações poeticas, não porque esteja persuadido que elles possam merecer as honras da publicidade, pois assás convencido estou de sua exiguidade, e bem conheço o nenhum merito que encerram versos que foram feitos, alguns, nos raros

intervallos de passageira alegria, e outros, que formam o seu maior numero, sob a influencia da tristeza, entre acerbos cuidados e pezares; mas unicamente para satisfazer a alguns Amigos, que me animaram a comparecer perante o Publico, o qual, similhante ao Mar, mostra-se humas vezes summamente indulgente e bonançoso, e outras tão raivoso e furibundo, que nada respeita, não presta attenção, não dissimula faltas, nem admitte desculpas!

Nem contribuiu pouco para levar-me a acceder aos rogos de meus Amigos, a idéa de que, assim como para a belleza de hum quadro he mister a sombra, para fazer sobresahir as côres, da mesma sorte os meus toscos versos, pela comparação da sua mediocridade, e dissonancia, darão maior

realce, espargirão mais vivo fulgor sobre as excellentes producções dos Poetas contemporaneos. — Demais, nem todos podem ser *Homeros*, *Virgilios* e *Horacios*, ou rivalisar com os *Camões*, *Filintos* e *Bocages*.

Como sería possivel conhecer-se o *optimo*, si só elle existisse no Universo? — He, por tanto, mister que a *mediocridade* venha, por assim dizer, pôr em relevo a perfeição das *obras primas*, e fazer brilhar os grandes talentos.

Si o Sabio mostrar os erros da minha minguada producção, e ensinar-me a corrigil-os, terá de certo a minha gratidão; si o Zoilo mordaz quizer ferir-me com as suas ervadas setas, deixal-o-hei bramar em seu furor; si o Publico me receber com benignidade, esforçar-me-hei para offertar-

lhe alguma nova composição de mais subido merito, com que possa corresponder á sua benevolencia; si me retirar o seu apoio, voltarei ao silencio, e n'elle passarei os dias que me restam de huma pesada e tormentosa existencia.

Eis, por tanto, o meu fraco Ensaio!.... Sua sorte depende do Publico intelligente: — Elle a decidirá.

BOSQUEJOS POETICOS.

AOS BENIGNOS LEITORES.

Desculpa tendes, se valeis tão pouco,
Que não póde cantar com melodia
Hum peito de gemer, cançado e rouco.

BOCAGE, *Soneto.*

Não verás, ó Leitor, guindado estylo,
Nem o genio sublime d'esses Vates
Oriundos da Grecia, e antiga Roma;
Não esperes ouvir o som cadente
Da Lyra harmoniosa
De Virgilio Preclaro, e Divo Homéro,
De Pindaro Excellente,
Nem d'esses Semi-Numes, que transpondo
A méta do possivel,

Em Lysia, em Albion, na Gallia culta,
A Cithara pulsando,
Arrancaram seus nomes primorosos
D'entre as garras crueis do voraz tempo,
E das ferrenhas mãos
Do indolente olvido;
E fazendo embocar a tuba ingente
A portentosa Fama,
Aos evos consignaram,
Cheios de glorias mil, seus altos feitos.

Hum arpejo canoro,
(Quanto sinto dizel-o!)
Não ouvirás da minha rude Avena,
Que inda possa imitar, de longe ao menos,
A voz dos Patrios Cisnes!
Has de ouvir tão sómente os sons magoados,
Os acerbos suspiros
D'hum peito amargurado!
Mesquinhas producções d'hum genio inculto,
Lucubrações da dôr e do tormento,
Versos do coração, despidos de arte,
Eis, Leitor, o que posso,

Cheio de timidez,
Vir depôr, vacillando, ante os teus olhos!

Qual mimosa avesinha,
Qu'ensaia as tenues azas,
E não ousa voar mais do que em torno
Do seu berço natal, do patrio ninho,
Em quanto a não vigora a Natureza,
Tão sollícita sempre, e carinhosa
P'ra com todos os seres qu'ella anima;
Ou qual o tenro infante,
Que pela vez primeira incertos passos,
Sem poder confiar nas debeis forças,
Temeroso exercita,
E da mãe carinhosa estando ao lado
Prompto auxilio recebe,
Para que, inexperto, não supporte
Seu estado infantil o menor damno;
Tal, n'este ensejo, ó Publico Illustrado!
Peço a tua indulgencia:
Não fulmines cruel, inexoravel,
Meu trabalho imperfeito.
Si ousadia mostrei, sendo tão fraco,

Sem ella, ó tu bem sabes,
Do globo a maior parte,
Talvez occulta, ignota hoje jazêra!
Da terra a vária face
Hum monótono aspecto apresentára;
De Illustres Capitães, de Heróes famosos,
Nas paginas da Historia,
Não lêramos, talvez, tantas proezas.

Qual á tenra avesinha, hoje me anima,
E como ao charo infante, ah! me soccorre,
Para que possa hum dia,
Ao Templo Excelso da immortal Memoria,
Entre os dos Vates hir gravar meu nome.

SONETO

OFFERECIDO

A S. M. I. O SENHOR D. PEDRO SEGUNDO,

No dia 2 de Dezembro de 1840,

FELIZ ANNIVERSARIO DO SEU DECIMO-QUINTO NATALICIO.

Tres lustros, ó Senhor, contas de edade
N'este almo Dia, Dia Brasileiro!
Hoje he que Te Apresentas verdadeiro
Penhor seguro á nossa Liberdade!

Despe, Senhor, o véo da Magestade,
Chega ao teu fiel Povo, Prazenteiro;
Cuida em Dar-lhe Piedoso, e Justiceiro,
Honra, Grandeza, Paz, Felicidade.

Tu Impéras n'hum solo auri-fulgente
De desvelo credor: livra-o de damnos....
Hes Justo e Sabio, — Sê tambem Clemente!

Por Ti, os Brasileiros, sempre ufanos,
Votos fazem ao Sacro Omnipotente,
N'este Dia da Patria, e dos Teus Annos!

SONETO ACROSTICO.

AO MESMO ASSUMPTO.

Da orbita, em a qual Chiron [1] governa,
Onde as leis immutaveis exercita;
Ingenita, sem par, sublime Dita [2]
Surgiu, para o Brasil, grande, superna!

De Jove refulgente a Mão Paterna
Em fazer vir ao mundo não hesita,
Dia brilhante, Dia que concita
Em nossos corações a gloria eterna! [3]

Zeloso, a Patria Felicite, e Reja;
Extirpe da Discordia o genio immundo.....
Mimoso o Dom do Céo [4], qu'hoje viceja!

Bradando a fama hirá por todo o mundo: —
Respeitoso o Brasil, grato festeja
Os Annos do Immortal Pedro Segundo!

LYRA.

Á SENTIDA MORTE DE HUMA SENHORA.

Oh! como poderá viver sem ella
O amante, que por ella em vão suspira!

J. M. da Costa e Silva, *Soneto.*

A cruel fouce da Morte
Cortou de Corina a vida!
Deixou-me, ai triste, soffrendo
A mais tormentosa lida!

Ah! vem, ó Morte,
Cruenta, e dura,
Unir-me a ella
Na sepultura!

Sem ver a doce Corina,
Tão meiga, tão terna e fida,
N'hum cháos horrido supporto
A mais tormentosa lida!

Ah! vem ó Morte,
Cruenta, e dura,
Unir-me a ella
Na sepultura!

Feroz Parca, deshumana!
Hes, qual penha, endurecida,
Pois no viver me decretas
A mais tormentosa lida!

Ah! vem ó Morte,
Cruenta, e dura,
Unir-me a ella
Na sepultura!

Treme a terra, o ar não gira,
Jaz a luz amortecida......
Morre Corina...... e supporto
A mais tormentosa lida!!

Ah! vem ó Morte,
Cruenta, e dura,
Unir-me a ella
Na sepultura!

A terna Amante, que adoro,
Lá do Olympo me convida......
Quero obedecer...... m'embarga
A mais tormentosa lida!

Ah! vem ó Morte,
Cruenta, e dura,
Unir-me a ella
Na sepultura!

A minh'alma, que constante
Existiu á sua unida,
Soffre n'este apartamento,
A mais tormentosa lida!

Ah! vem ó Morte,
Cruenta, e dura,
Unir-me a ella
Na sepultura!

A existencia, sem Corina,
Não se póde chamar vida;
He vegetar, padecendo
A mais tormentosa lida.

Ah! vem ó Morte,
Cruenta, e dura,
Unir-me a ella
Na sepultura!

Vem, ó Parca, vem, não tardes,
Findar minha amarga vida:
Oh! não soffra, por mais tempo,
A mais tormentosa lida!

Ah! vem ó Morte,
Cruenta, e dura,
Unir-me a ella
Na sepultura!

Mas que vejo!.... O Céo me attende....
Chega a hora appetecida.....
Acabo a vida, e com ella
A mais tormentosa lida!

Ah! vem ó Morte,
Cruenta, e dura,
Unir-me a ella
Na sepultura!

EPISTOLA.

Á FORTUNA.

A contrária Fortuna
Deve immovel soffrer huma alma grande.
GARÇAÕ, *Ode á Virtude.*

Fortuna vária, Numen fabuloso,
Ente, que o genio audaz do Paganismo
Creou sómente para dar pezares!
Injusta sempre, sempre desabrida,
Para mim sempre infausta, atroz e dura,
Inflexivel, cruel, sem ter piedade!
Altivo afrontarei teus átros damnos,
Embora sobre mim fulmines raios,
Derrames tão sómente insanos males,
Anathemas fataes, estragos, mortes,
Tudo quanto ha creado o torpe Averno.....
A morte... a morte mesma... oh! venha ella...
Findar de prompto tão acerbas penas.....

Mas não; ella não vem.... tú só dilatas
A vida dos mortaes, para flagello!....

Os teus dons o que são?... Offertas tenues,
Gozos entremeados de amarguras,
Prazeres, que não duram mais de hum dia,
E que quando se apartam, deixam n'alma
Cruento mal, que o tempo não consome!

Si hes Deusa (o que não creio), ó tu Fortuna,
Como he que esses teus dons tu não repartes,
Com justiceira mão, aos mortaes todos,
E quasi sempre ao Vicio he que os outorgas?!
Aos benéficos Entes desprezando,
Para elles se mostra sempre austero
Teu rosto, onde a inconstancia existe impressa!
Só ao funesto crime asilo prestas!....
Tu hes Furia, ó Fortuna, ou he ficticio
Esse cego poder com que te adornam;
E quiçá..... não existes sobre a terra.

Si, como dizem, fosses Divindade,
Como he crivel, deixasses na indigencia
O Pae honrado, os Filhos miserandos,
O Orphão innocente, a Esposa imbelle;
O homem virtuoso, entregue á sanha
Da carrancuda, e pallida Desgraça,
Esmolando agro pão da desventura,
Para ainda reter pesada vida?!!...

Como he que deixarias desvalido,
Sem ter quasi hum arrimo sobre a terra,
O prestante Varão, que a Patria honrando,
De cans coberto, mutilado existe,
Por haver defendido a Liberdade,
Reprimindo os insultos do Estrangeiro,
A honra da Nação mantendo illesa,
E livrando-a de ser mui presto escrava?!!...

Como he que na miseria conserváras
Aquelle que cantou da Patria os feitos,
E renome lhe deu mais illustrado
Na Epopeia sublime, e primorosa,
Qu'inda hoje se préza, e se admira?!
Com que foi que pagaste tanto esforço,
Tanto amor pela Patria agglomerado?!
Tanta dedicação, tanta constancia;
Já na pugna feroz visando a morte,
Junto ás bandeiras do cruento Marte;
Já de Minerva franqueando arcanos,
Das Musas recebendo a Lyra d'ouro,
E com ella elevando além dos evos
Essa Patria, que tanto idolatrára!
A tua paga foi — *Mendicidade!!* —
E do Inclito Poeta a excelsa vida,
Foi perecer (oh dor!) n'hum triste asilo!!!..

Que recompensa déste áquelle Heroe,
A quem tanto incensaste, a quem propicia,

Á principio (ah cruel!) tanto afagaste,
Animando esse genio impetuoso,
(Qual torrente descida das montanhas,
Que ante si tudo estraga, e a rojo leva);
Que as furias aplacou d'atroz licença,
E, com braços herculeos, pretendia
Estreitar n'hum amplexo o Orbe inteiro?!!
Eis que o vejo expirar lá n'hum rochedo,
Qual misérrimo escravo, o qu'inda ha pouco,
Á soberba Albion cortando as garras,
Quasi a todo o Universo a lei dictára!!!

Eis-aqui teus brazões, cega Fortuna!
Feitos mais torpes, inda mais nefandos
Espargido tu tens por toda a terra!
Mas corramos hum véo sobre os teus crimes...
De eterna maldição sómente hes dina!
Renda-te culto embora avaro insano,
Embora o crime te construa altares;
Muito embora haja quem teu nome adore,
Quem incenso corrupto inda te offerte:
Minha alma nobre, candida e superna,
Detesta a tua lei; jámais se curva
Ao teu fallaz poder, sempre inclemente.
Senda mais certa cauteloso trilho,
A Virtude, e a Razão tendo por norte......
Si o Vicio segue os passos da Fortuna,
A Razão guia sempre a san Virtude;
E quem com ella vive, da Fortuna

Jámais teme o furor; aos evos passa,
Deixando hum nome illeso entre os humanos,
E vai fruir no Céo perennal gloria.

— D'est'arte discorria o triste Elmano,
Pela rude Fortuna amargurado:
E já conscio dos males que ha soffrido,
A Razão, e a Virtude só prezando,
O poder da Fortuna vai calcando.

SONETO.

Sem gozar-te, ó Analia, eu enlouqueço.

GLOSA.

Posso alcançar a mais subida gloria,
Gozar do mundo os faustos portentosos,
Ver meus dias de factos tão gloriosos,
Que eternizem meu nome em toda a historia:

Posso existir na mais fiel memoria
De amigos tão leaes, quão respeitosos;
Ter da Fortuna os bens tão preciosos,
Que os apregôe a fama a mais notoria:

Posso exceder aos homens em bondade,
Ter do Destino quanto não mereço;
Ser raro em tudo na moderna edade:

Mas se os Ceos não me dão o que lhes peço;
Tendo do mundo toda a f'licidade,
« *Sem gozar-te, ó Analia, eu enlouqueço!*

MOTE.

Sem ti não supporto a vida;
Se não te gozar, eu morro.

GLOSA.

Marcia cruel, desabrida
P'ra que tanto me maltratas?....
Com teus desdens tu me matas;
Sem ti não supporto a vida!
Si, por acaso, homicida,
Não me dás prompto soccorro,
Aos Deuses então recorro
Para abrandarem teu peito;
Porque a terno amor sujeito,
Se não te gozar, eu morro!

STANCES.

Par Mr. C. H. Furcy fils.

Rien n'est stable sur la terre,
Où l'homme ne vit qu'un jour :
Du temps la faux meurtrière
Moissonne tout sans retour.

Trop souvent sa main terrible
Frappe ensemble le guerrier,
Et le poète paisible,
Le front couvert de laurier.

Dans le solitaire asyle
Des êtres chers à leur cœur,
D'une existence tranquille
Ils savouraient la douceur.

Pleins de force et d'espérance,
Ils plaçaient dans l'avenir
Une aveugle confiance :
Ils ne croyaient pas mourir !

ESTANCIAS.

Traducção.

Nada dura sobre a terra,
Onde a vida he hum momento:
Com a fouce o Tempo avaro
A todos ceifa, cruento!

Muitas vezes, de hum só golpe
Sua mão fere o Guerreiro,
E o pacifico Poeta,
Ornado pelo loureiro.

No asilo solitario,
Dos entes que idolatravam,
D'huma existencia tranquilla
A doçura desfructavam.

Cheios d'esperança, e força,
Tinham elles no futuro
A mais cega confiança,
Sem crer n'hum fim prematuro!

Cependant tout sur la terre
Aurait dû leur annoncer
Que, comme une ombre éphémère,
L'homme ne fait que passer.

De même que les tempêtes
Brisent l'arbuste et l'ormeau,
La mort nivèle nos têtes
Sur le marbre du tombeau.

Là reposent en silence
Et les peuples, et les Rois;
L'obscurité, la puissance,
Y trouvent les mêmes lois.

Tout périt : seul le génie,
De l'oubli rompant les fers,
Malgré la parque ennemie,
Subsiste dans l'univers.

Entretanto, sobre a terra,
Tudo lhes annunciava.
Que, como sombra ligeira,
O homem n'ella passava.

Assim como a tempestade
Quebra arbusto, e cedro annôso,
A morte, a todos nivela
Do sepulcro no repouso.

Lá descançam em silencio
Tanto Povos, como Reis;
A obscuridade, o poder
Têm ali as mesmas leis.

Tudo morre.... só o genio,
Jámais no olvido immerso,
Mau grado a Parca tyranna,
Sempre impéra no Universo.

SONETO.

A ARMIA.

Quanto soffre o meu peito, ó doce Armia,
N'esta ausencia fatal, que me maltrata!
Mas tu, talvez tyranna, ou mesmo ingrata,
Não dás ao meu penar toda a valia!

O genio do Ciume me annuncia.....
O Ciume feroz he quem me mata!
A cruenta incerteza me arrebata.....
Já não vejo, ai de mim! a luz do dia!

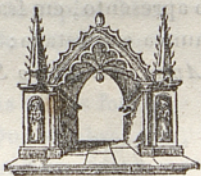
A mágoa mais intensa, acerba e dura
Consome a minha vida; e a cada instante
Eu vejo avisinhar-se a sepultura!

D'esta sorte vivendo delirante,
Supporto sem cessar atra amargura,
Por não ver esse teu raro semblante!

MOTE.

O amor que me domina,
Já te não posso occultar.

GLOSA.

A desgraça atroz, ferina,
Não tem tão cruel effeito,
Como o que causa em meu peito
O amor que me domina.
Teu rosto, bella Lucina,
He quem faz o meu penar......
Eu só almejo gozar
Essa tua perfeição;
E a minha ardente paixão
Já te não posso occultar.

SONETO.

« *Póde mais o Amor, que póde o Sceptro.* »

GLOSA.

Hum Povo cidadão, qual rocha viva,
Jámais se abranda ao ferro d'hum tyranno:
Do captiveiro vil, barbaro, insano,
Os livres pulsos nobremente esquiva.

Em balde a oppressão, com fronte altiva,
Contra elle fulmina o deshumano.....
Mas se curvam iguaes, sem medo ao damno,
O Povo e o Rei, d'Amor á chamma activa!

He mais forte o Amor, que a rija espada:
Amor abate o Vicio horrido, e tétro,
Grandes Nações Amor tornou ao nada!.....

Demonstrado apresento, em fraco metro,
Esta verdade, nunca contestada:
— *Póde mais o Amor, que póde o Sceptro.* —

ODE ANACREONTICA.

O' linda flor,
Tenra, e mimosa;
Tu bem retratas
Marcia formosa.

Na côr brilhante,
Nivea-rosada,
Mostras o rosto
Da minha Amada.

Teu lindo aspecto,
Teu grato odor,
São cópias fidas
Do meu amor.

As verdes folhas,
Que sombras dão,
Imitam zelos,
Negra paixão.

No bello tronco,
Que te sustenta,
De Marcia o porte
Se representa.

Té nos espinhos
Tu lhe assemelhas:
Seus olhos ferem
Como centelhas.

Mas quando abrasa
Hum coração,
Elle só prova
Ingratidão.

Sua beldade,
Que fere, e mata,
Sómente a torna
Ferina, ingrata!

Meu terno amor,
Doces agrados,
Constantemente
São desprezados!

Ah! s'eu pudéra
Lenir seu peito,
Seria o Ente
Mais satisfeito.

Do mundo eu dera
Toda a riqueza,
Para gozar
Sua bellesa.

Mas, oh! Destino!
Oh! Sorte austera!
Em vez de Marcia,
Acho Megéra!

Marcia inclemente
Jámais m'encara!
De seus carinhos
Se torna avara!

Se hum dia, ao menos,
Meiga, e propicia
Ella me fosse......
Oh! que delicia!!

Mas, se não gózo
Esta ventura,
Jazer já quero
Na sepultura!

SONETO.

AOS ANNOS DE HUMA SENHORA, EM 1841.

Tres lustros e annos quatro, n'este dia,
Completa prasenteira Marcia bella;
Formam-lhe as Graças virginal capella,
A Fama o seu Natal lédo, annuncia.

Venus, ao vel-a tão mimosa, ria;
E Cupido cravando os olhos n'ella,
Exclama: « O' chara Mãe! esta Donzella
« Ha de sempre fruir honra, e valia.

» Feliz sorte a proteja eternamente:
» Goze prazeres, goze amenidade,
» No regaço da paz sempre innocente. »

Tens, ó Marcia, a mais san felicidade.....
E quem do Céo desfructa tal presente,
Sobre a terra se torna huma Deidade.

LYRA.

A CARLINDA.

Bella Carlinda, os teus olhos
Tem tal força, tal poder,
Que os mais livres corações
Fazem captivos jazer.

Tuas graças, teus encantos
Aos mortaes todos deleitam;
E he tal sua magia,
Que ás mesmas feras sujeitam.

Não póde illeso existir
Quem teus dotes avistar,
E se quizesses, podias
Todo o mundo avassallar.

Quem goza da Natureza
Tantos bens, tão doce estado,
Zomba altivo, jámais teme
As inconstancias do Fado.

Nos corações todos grava
Pura, grata, e san memoria,
E desfructa sobre a terra
A mais bonançosa gloria.

Mas não sei da Natureza
Qual o systema e conceito,
Que creando-te mui bella,
Formou de bronze o teu peito.

Esse porte magestoso,
Esse rosto encantador,
Hão de sempre resistir
Ao meu extremoso amor?!

Hei de viver, noite e dia,
Sómente por ti penando?
Hirei sempre, emquanto exista,
Os teus desdens supportando?!

Carlinda! cede a meu rogo,
Vem lenir esta amargura;
Vem, não tardes, ó Carlinda,
Outorgar minha ventura!

Eis-aqui minha sentença,
Lavrada por mão da Sorte:
« — Possuir Carlinda bella,
Ou então mui presto a — morte! — »

SONETO.

Si ao temor das paixões, cauto recua
Ente, do qual a Sorte tem zombado;
Si pela mão do tempo se ha cançado
Senil mortal, que chora a magoa sua:

Não he possivel que tão forte influa
N'huma alma tenra da Razão o brado:
Eis que o adolescente em cego estado,
Corre por entre abrolhos senda crua!

Quem poderá dizer, sendo sincero:
Occultei-me, fugi d'huma beldade,
De Venus o retrato puro, e vero?!

Por isso ó chara Analia! n'esta edade,
Só gozar-te dezejo, e ufano quero
Passar junto comtigo á eternidade.

MOTE.

Vida sem ti não he vida;
Viver sem ti, he morrer.

GLOSA.

Si tu, ó prenda querida,
Hes o quanto a vida tem;
Si tu hes da vida o bem,
Vida sem ti não he vida.
A minha alma á tua unida,
Sem ti não póde viver;
Hes metade do meu ser,
Hes meu Deus, meu bem, meu Fado....
Si vivo, he junto ao teu lado,
Viver sem ti, he morrer.

MOTE.

Vida sem ti não he vida;
Viver sem ti, he morrer.

GLOSA.

Tu hes, bella Nympha fida,
De minha vida o soccorro;
Eu sem ti não vivo, morro;
Vida sem ti, não he vida.
O Céo vê, o Céo decida
O meu cruel padecer;
Meu doce bem, o meu ser
Com o teu amor 'stá mixto.....
Ah! que eu sem ti não existo,
Viver sem ti, he morrer.

LYRA.

AO ANNIVERSARIO DA SENTIDA MORTE DE HUMA SENHORA.

Tal scena contemplei, e de piedade
Como não pereci, vendo arrancada
Do meu sensivel coração metade?....
He que sua alma, em Anjo transformada,
Reanimou com sorriso de bondade,
A vida ao termo de expirar chegada!

J. M. da Costa e Silva, Soneto.

Do Tempo a roda severa,
Hoje voltou triste, e dura,
Mostrando o dia funesto,
Que finou Corina pura.

Afflicto, Elmano
Chora constante
A perda infausta
Da terna amante!

Oh! cruento anniversario!
Oh! dia, qual noite escura!
Foi hum outro, qual tu hes,
Que finou Corina pura!

Meu peito rasga
Negra saudade;
Minh'alma vaga
Na soledade!

Já não vejo a chara amante,
Bella, cheia de doçura!.....
Cesse o meu viver, a mão
Que finou Corina pura.

Tétrica Sorte,
Horrido Fado,
Sem qu'eu mereça,
Me hão condemnado!

O' Céo! abre, compassivo,
Minha humilde sepultura:
Manda a Parca...... a rude Parca,
Que finou Corina pura!

Córte apressada
Minha existencia:
Não viva hum ente
D'amor n'auzencia.

Si sobre a terra não posso
Fruir placida ventura,
Venha hum dia, como aquelle,
Que finou Corina pura.

Junto a Corina,
Na campa fria,
Sómente espero
Ter alegria!

De Corina a nobre essencia
Eis que lá no Céo fulgura.....
Corra a mim asinha a morte,
Que finou Corina pura!

Lá, junto a ella,
No Céo clemente,
Gozar pretendo
Prazer ingente!

EPIGRAMMA.

Marcia ardendo em negra chamma,
Que lhe acende atroz ciume,
Contra Elmano, em furia brama,
E dirige este queixume:

« Se não tens por mim paixão,
« Por que não dizes, traidor?
« O teu duro coração
« Nunca conheceu amor? »

« Não está em minha mão;
(Elmano diz-lhe em segredo)
« Esse teu feio carão
« A's proprias féras faz medo. »

SONETO.

Si ausente estou de ti hum só instante,
Supporto da saudade agra paixão,
Em mil tormentos trago o coração,
E d'amargura, a cópia no semblante!

Ando afflicto, sombrio e delirante,
Idéas tristes turbam-me a razão!
D'existir já não tenho sensação......
N'hum acervo de males vivo errante!

Da saudade a soffrer tão átros damnos,
A noite passo triste, e passo o dia......
Momentos me parecem longos annos!

Mas se te vejo, Marcia, casta e pia!
De mim fogem os Fados deshumanos,
Gózo terno prazer, doce alegria!

AOS MEUS AMIGOS REZENDENSES,

OFFEREÇO, DEDICO, E CONSAGRO,

Como exigua, mas sincera prova de verdadeira estima, e distincta consideração,

A PRESENTE

ODE.

. . . . Oh Saudade!
Magico Numen, que transportas a alma
Do amigo ausente ao solitario amigo!
GARRETT, *Poema Camões, cant.* 1.°

Que genio, que talento ha hi que possa
As mágoas exprimir, qu'alma espedaçam
Do amigo ausente?!—O' vós males do Averno,
Cedei-lhes vosso posto.

Mas d'ausencia cruel entre os rigores
Relampejar lá vês reminiscencias,
Gratas lembranças de passados gozos,
Que a mente extasiaram!

Assim, Rezende, assim, quem me lenîra
A dôr, que me lacéra, dês que ausente
Sou de amigos, que trago dentro n'alma,
Amigos que deifico?!

Crebro (e quão grato me he!) crebro recordo
Doces conversações, lepidos ditos,
Alegres reuniões, onde a amizade
Mais, e mais vigorava!

Ah! não me assalte o triste passamento,
Ao moimento não desça, sem qu'hum dia
Vá cevar a saudade; — e então se acabe
Ali commigo o alento!

Meus restos repousando entre os amigos,
Que leaes, e prestantes sempre foram,
Prezados hão de ser eternamente,
Assim como eu sou grato!

SONETO.

Á SENTIDA MORTE DE HUM INNOCENTE FILHO DO MEU PREZADO AMIGO S........

Qu'importa que na terrea sepultura
Baqueie o corpo, a victima do nada,
Si triumpha nos Céos huma alma pura?
Bocage, *Elegia.*

A thesoura fatal da Parca dura
Não respeita a velhice, ou juventude!
Corta igual crime horrendo, e san virtude,
De rojo todos leva á sepultura!

Do filho charo, a vida doce e pura,
(Esp'rança que no tempo mais s'escude!)
Roubaste ó cega Morte, fera e rude.....
Ah! já não vive a tenra creatura!!

Descança em doce paz Anjo innocente
Lá n'esse de mil soes orbe esmaltado;
Goze no Céo tua alma gloria ingente.

Para sempre serás abençoado.....
E no preclaro Olympo refulgente,
Por teus Paes roga, ó Filho idolatrado!

MOTE.

Quem passa a vida, que eu passo,
Não deve a morte temer.

GLOSA.

D'Elisa hum favor escasso
Si não chego a conseguir;
Como he que póde existir
Quem passa a vida, que eu passo?!
Hum doce beijo, hum abraço,
(Si eu d'Elisa receber),
Venturoso me faz ser,
Pois quem goza os seus agrados
Não soffre o rigor dos Fados,
Não deve a morte temer.

MOTE.

Quem passa a vida, que eu passo,
Não deve a morte temer.

GLOSA.

Jazendo n'hum embaraço,
Volve a noite, e volve o dia;
Nem póde ter alegria,
Quem passa a vida, que eu passo!
Da Sorte o terrivel laço
Si jámais posso romper,
Si hum momento de prazer
A Sorte me não consagra;
Quem tem a Sorte tão agra,
Não deve a morte temer!

SONETO.

Ao ver-te, chara Marcia, alma alegria
Cupido derramou n'este meu peito;
Gostosa sensação, hum doce effeito
Minh'alma transportada então sentia.

Só prazeres, e bens em ti revia;
Junto a ti eu sómente me deleito.....
(Que amavios, qu'encantos me tens feito
P'ra cauzarem tão doce sympathia?)

Si te ausentas, supporto mil cuidados;
Si não t'encontro, Marcia, (oh sorte dura!)
Passo dias crueis, amargurados!

Porém vendo essa tua formosura,
Me dizem os propicios sacros Fados,
Qu'hes meu Bem, o meu Céo, minha Ventura!

LYRA.

Apollo, Minerva e Venus
Huma obra projectaram;
E depois de mil conselhos,
A bella Analia formaram.

Eis surge Analia,
Terna, e perfeita,
Que aos proprios Numes,
Meiga deleita.

He tão formoza,
Tem perfeições,
Qu'enlaça todos
Os corações.

Apollo, lhe deu a Lyra,
Minerva, sciencia pura,
E Venus, lhe conferiu
A mais rara formosura.

Exulta, Analia,
D'Amor enleio!
Tu hes dos Deuses
Mimo e recreio.

He mais que humano
Quem te gozar;
Do Céo he dom
Teu feliz Par.

Tens virtudes, tens encantos,
E subida gentileza:
Em ti encaro a mais nobre
Producção da Natureza.

Ah! goza, Analia,
Livre de damnos,
Dons preciosos,
Por muitos annos.

Reine em teu peito
Doce candura;
Sempre conserves
Feliz ventura.

EPIGRAMMA.

Muito admira que Jonia,
Sendo por genio tão dura,
Deixe Mevio estar de Marcia
Contemplando a formosura.

Sem ter zelos!..... tão mansinha!.....
Tem prudencia...... não o nego.....
Qual prudencia!.. — se consente,
He por que o marido he cego. —

SONETO.

A Superna ineffavel Natureza
Esmerou-se em formar o teu composto :
Encantos divinaes tu tens no rosto,
Onde refulge não vulgar belleza.

Dos labios de carmim, com singeleza,
Teu som harmonioso esparge o gosto;
E os teus olhos, mui brandos já têm posto
Peitos, iguaes ao bronze na dureza.

Quem do Céo tem tal dom, Eulina pura,
He mais que humano, he quasi Divindade,
No mundo goza placida ventura.

Hes, Eulina, hum portento de bondade.....
E d'est'arte, o Destino te assegura
Renome perennal na eternidade.

ODE.

AOS ANNOS DE HUMA SENHORA.

A vigesima-prima vez brilhante
Hoje Fébo assomou faustoso e grato,
Marcando, que tu fazes, venturosa,
Quatro lustros e hum anno.

Jámais appareceu manhãa risonha,
Que as trevas de meus males dissipasse,
Como aquelle em que canto de Filena
O sem par Natalicio.

De Castalia, essas aguas memoraveis,
Quizera hoje libar, que então mostrára,
Em versos que de ti mais dignos fossem,
O valor dos teus dotes.

Mas como não me he dado do alto Pindo
Poder jámais galgar as summidades,
Esta mostra te dou, bem que mesquinha,
Do quanto me mereces.

A Natureza ornou teu lindo rosto
De beldade immortal, nitida e pura;
Teu peito encerra hum coração tão meigo,
Que Venus o almejára.

Raras virtudes de valor subido.
Hum genio divinal, mil attractivos.....
Fazem com que teus dias sejam charos
Para quem te conhece.

De lindas flôres virginaes grinaldas,
Mimosas Nymphas hoje te apresentam:
Eu só, em rude metro, apenas posso,
Humilde decantar-te!

Não he a adulação, nem a vaidade
Quem m'impelle a louvar est'almo dia;
Mas sim hum sentimento nobre, ingente,
Que a teus annos consagro.

MOTE.

Paixão de amor o que he?

GLOSA.

Existir sempre penando,
Não ter socego hum momento,
Supportar duro tormento
Do ciume atroz, infando:
Sempre mágoas encontrando,
Cheio de respeito, e fé;
E muitas vezes, até
Por quem só lhe causa dôres....
Eis aqui, ó amadores,
Paixão de amor o que he!

SONETO.

Quando, Carlinda, vejo esses teus olhos,
Eu supporto d'amor todo o poder:
Só te vendo, meu bem, tenho prazer,
Em tua ausencia encontro mil escolhos.

Da desgraça existindo entre os abrolhos
Taes damnos ha soffrido este meu ser,
Que só tenho desejos de viver
Quando, Carlinda, vejo esses teus olhos!

Não sejas para mim ingrata, injusta;
Cede ao meu terno amor véro, extremoso.....
Essa tua esquivança assaz me assusta!

Sem te ver, ó Carlinda, não ha gôzo;
Viver longe de tĩ, oh! quanto custa!....
Só com tigo, Carlinda, eu sou ditoso!

MOTE.

Agros ciumes do Averno,
São de amor o premio infando.

GLOSA.

Conservei sempre amor terno
A Marcia cruenta e dura;
Mas só tive por ventura
Agros ciumes do Averno!
Posto que amante superno,
Me vai Marcia torturando;
E a meu pezar, supportando
Mil desdens insultadores,
Vejo que só dissabores
São de amor o premio infando!

SONETO.

Que noite desabrida, horrida, escura!
Oh! como contristou meu coração!....
Só me faz despertar forte trovão
Do lethargo da minha desventura!

O fulgido relampago afigura
O fogo, que me acende inda a razão;
Mas do vento o confuso turbilhão
Minhas mágoas augmenta, o mal apura!

Em pezares meu peito existe immerso;
Minha alma só de dôres se alimenta.....
De mim almo prazer anda disperso!

Constante me acompanha, e se apresenta,
Em qualquer dos logares do Universo,
Cruel Genio fatal, que me atormenta!!

MOTE.

A seta, que Amor dispara,
Avassalla a Natureza.

GLOSA.

Eis que a Sorte me depara
De Marcia o rosto venusto,
Qu'em mim embebeu, sem custo,
A seta, que Amor dispara.
Mas, oh Céos! a Nympha chara,
D'encantadora belleza,
Não mostra senão fereza
Ao amor mais puro e terno!.....
Este systema do Averno
Avassalla a natureza!

MOTE.

A seta, que Amor dispara,
Avassalla a Natureza.

GLOSA.

De Analia terna, e preclara,
As mimosas perfeições,
Conduzem aos corações
A seta, que amor dispara.
Mas o Mortal, que provára
D'esse farpão a dureza,
Conte de certo ser prêsa
Do fero e voraz ciume,
Que n'alma acende átro lume,
Avassalla a Natureza!

SONETO.

De continuo a chorar, sem ter ventura.

GLOSA.

A Sorte mais atroz, ferina, austera,
Lavrou, para meu mal, decreto insano:
Eis que soffro, (infeliz!) só por meu damno,
Dôr pungente, que o peito me lacera!

Analia, outr'ora Deusa, hoje Megéra,
Me ha votado o desprezo mais tyranno;
E provando hum rigor tão deshumano,
D'este jugo livrar-me, ah! quem pudéra!

Fazer só póde a morte a minha dita.....
P'ra que possa findar esta amargura,
Vem, não tardes, ó Parca!..... o mal evita.

Já que Analia cruel, qual penha dura,
Ao tormento me curva, e me concita
De continuo a chorar, sem ter ventura!

SONETO.

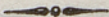
De continuo a chorar, sem ter ventura.

GLOSA.

Quando encaro a existencia dos humanos,
Tão cheia de trabalhos, tão penosa,
Sem que jamais encontre hora ditosa,
Que perturbar não venham negros damnos.

Quando vejo passar-se os bellos annos
Da fresca primavera aurea, mimosa,
E que nem o Mortal ao menos goza
N'essa edade, d'Amor doces enganos:

O meu ser de tormentos mil cercado,
Existindo só cheio de amargura,
Do peito afflicto então sólta este brado:

« Quem de Amor não provou nunca a doçura,
« No Mundo existe só, desamparado
« *De continuo a chorar, sem ter ventura.* »

ELOGIO.

Ao feliz Consorcio do Ill.^mo Sr. Manuel Liborio de Souza Mariz Sarmento, com a Ill.^ma Sra. D. Maria Magdalena de Lima e Silva, em 18 de Novembro de 1837.

Não he mais bello, não refulge tanto
O sol quando abre os penetraes da Aurora,
Não brilha tanto como o Templo aonde
O divino Hymeneu corações prende!
Que ostensivo painel visam meus olhos!
Fervorosa emoção me embarga os labios!
Mal podendo galgar do Templo as portas
Ao ver-lhe as luzes me deslumbram raios!
Fraquêa o passo no vestibulo excelso!
E—quem sou, que pretendo—me interpellam
Dois Guardas logo ao luminar postados,
Divinos quasi, Semi-Deuses ambos.
—Sou amigo, e sou grato—(assim lhes brado)
Levam-me ao sacro altar; eis-me ante Elmano!..
E, attento espectador, nas Aras vejo
Trocarem corações Esposo e Esposa,
E por mãos de Hymeneu com laços de ouro

Ligar-se de Mariz a Illustre Prole
Á Egregia Prole do Preclaro Lima!!!
Mariz, e Lima, á quem Neptuno, e Marte
Humildes curvam as altivas frontes;
Lima, e Mariz, á quem a Patria adora;
Cujos nomes, os seculos vindouros
Olvidar não farão; nem he possivel
Pois heróes nunca morrem; vivem sempre,
Mau grado o tempo, nos annaes do Mundo.

Almas unidas, corações trocados,
Doce permutação, meigos prazeres
Geram sabores taes, tão numerosos,
Que o debil orgam meu cantar não póde.

E vós, do lindo Par Progenitores,
Troncos que fructo e flôr á Patria déstes;
Visai no quadro, que singelo off'reço,
De ingenua sympathia ingenuos votos;
Posto que a frase he pobre, a penna fragil,
Soberba indifferença o fel não póde
Vasar nos labios do Cantor de Elmano.

Elmano, parabens, feliz tu sejas
Da flôr ao lado, que colheste ha pouco,
Tenra e formosa no jardim das Graças.
Que mais queres do sec'lo, Amigo Elmano?
Os thesouros de Ophir, hum throno, hum sceptro
Menos valem que amor, menos que a Esposa,

Cujo regaço ricos cofres guarda
De virtudes, pureza, e formosura:
Goza com ella os evos venturosos,
E os dias de Nestor sejam teus dias:
No Thálamo feliz voltejem risos,
Concordia, relações, ternos affagos;
Em placida união, sempre ditosos,
Sem temer do infortunio austera face;
Meiga Deidade te garante a gloria,
Bella Heroina vai dourar-te a historia!

SONETO.

AO MESMO ASSUMPTO.

Assim como por arte, ou por acaso,
Costuma estar unido o cravo á rosa,
E bafejados da manhãa formosa
Vegetam lindos no dourado vaso;

Taes hoje encaro, no festivo prazo,
O ramo de Mariz, e a flor mimosa
Da progénie dos Limas, Prole honrosa,
Digna do éstro com que o peito abraso.

Si as mãos se tocam dois Consortes caros,
Os proprios corações identificam,
Raros no mundo, na virtude raros.

Gelados de prazer os labios ficam.....
E, si hoje calam factos tão preclaros,
Os olhos fallam, corações explicam!

SONETO.

AO MESMO ASSUMPTO.

Blasona em balde no soberbo Sólio,
Obeso e altivo, rigido Ottomano;
He menor que Hymeneu, menor que Elmano;
Vale o Thálamo mais que hum Capitolio!

Abre o negro volume, estuda o fólio
Das leis de sangue horrivel Musulmano;
Folga vaidoso quando mais tyranno;
De hum lado vota a morte, e de outro o espólio!

Tudo he fumo, he chimera, he sombra, he nada
Apár de hum Coração, que n'alma impéra;
Reinado mais honroso que o da espada.

Hum Consorcio feliz mil fructos gera;
Pois que não traz bandeira ensanguentada
O Nume, que huma Deusa a Elmano déra!

EPIGRAMMA.

Quando a Jonio reprovaram,
Mévio, com adulação,
Dirige, ostentando mágoas,
Esta fôfa allocução.

« Charo Jonio! quanto sinto
» A tua doença hostil;
» Si a não soffrêras, serías
» Hoje hum—Grande do Brasil! »

Aonio, ouvindo esta arenga,
Disse, com serenidade:
« Temos nova *epidemia!....*
» Já — R — he enfermidade!!! »

SONETO.

Com arte só no Averno produzida,
Marilia urdiu-me a mais negra traição:
Seu crime fez em mim tal sensação,
Que toquei quasi o fim da triste vida!

A inconstante Marilia endurecida,
Essa ingrata, a quem déra o coração,
Forjou-me a mais nefaria ingratidão:
Foi falsa, foi sacrilega, homicida!!

Mas se aprouve hum Deus justo, hum Sacro Nume
Lançar no novo amante hum mal tão forte,
Que o doce amor tornou em azedume!

Marilia, p'ra castigo o mal supporte,
Arda na chamma atroz do vil ciume,
Lute, como eu lutei, co'a fera morte!

MADRIGAL.

Dos Deuses o mais rico, e poderoso,
Amor, nasceu, cresceu, nada ostentando!
Pequeno, nu, travesso, e buliçoso
Aos mesmos Deuses foi avassallando!
Tropheos com gloria augmenta
Sem empregar diamantes, prata, ou ouro
Amor, que nada ostenta,
Que n'hum só ponto encerra o seu thesouro!

ODE.

AOS FELIZES E FAUSTOS ANNOS

DO ILL.^mo E EX.^mo SR.

SENADOR DO IMPERIO

BERNARDO PEREIRA DE VASCONCELLOS,

EM 27 DE AGOSTO DE 1840.

Já lucifera Deusa matutina
Desprende no horisonte os flocos de oiro,
Trazendo ao Rio divinal sorriso:
Ao Rio inda agitado
De brusca tempestade,
Que a mão do acaso desfechou sobre elle.

Eu não canto as facções, não canto o vicio,
Nem sou voz importuna, agitadora
Da trombeta fatal, que o Zoilo embóca:
O meu dever sómente,
Minha unica Estrella,
Da sublime Razão me aponta o Templo.

Blasone embora de aggredir teus lares,
Vasconcellos Illustre, a Furia infrene:
Quem conspira em teu mal, conspira em balde.
He destino do Sabio
Sêr victima da Patria,
Gemer com a Patria, quando a Patria geme.

Se altas vigilias, a saude, as forças
Tudo tens ao Brasil sacrificado;
Não precisas de mais para sêr grande:
Tens arrostado a morte,
A ministra implacavel,
Ante cujo poder os thronos rojam.

Olha como a ineffavel Providencia
Quer a vida poupar-te a bem da Patria,
Prolongando as auroras de teus dias!
Olha como o Janeiro
Convoca os Semi-Deuses
A proclamar teu fausto Anniversario!

Elle vai despertar nas aureas Minas
O sonoro pregão da Excelsa Fama,
Onde honrados Mineiros não duvidam
Felicitar contentes
O dia em que nascêra
No solo de oiro a Flor dos Vasconcellos.

Ali no seio da abundancia extrema
Applaudem festivaes teu Natalicio
Aquelles que na Urna te elegêram
Egregio Mandatario,
Delegado excellente
Do só Idolo teu, teu mimo, — a Patria.

Volvendo as Eras da moderna Edade
O olho escrutador da gente culta,
Oh! que gloria ao Brasil na ordem visa
Dos Annos onde colhes,
Infatigavel sempre,
Ao travez de afflicções, espinhos, flores!

No ocio hum anno só não tens gastado,
No ocio hum dia só da vida enferma;
Porque no leito da senil molleza
Os Catões não dormitam:
Assim, qual Argos vives
Por mais de lustros oito honrando a Historia.

Mas quantos no Brasil tirar não sabem
Feliz partido das acções da vida,
Negra nuvem tomando pela Deusa,
As illusões bebendo
Na taça da mentira!!!...
Oh! como em seu tropel se abisma o Erro!!!

Não duvido, Preclaro Vasconcellos,
Do mais subido preço de teus Annos,
Que doira o fulvo Sol, de Virgo entrando
Na sideral morada,
Onde em fulgor flammejam
Do Zodiaco os doze Semi-Numes.

Da estreme gratidão nas sacras Aras,
Em que do patrio amor fumega o incenso,
Aceita o meu louvor, meu voto aceita.....
Não tenho mais que dar-te :
Si hum thesouro tivera,
Hum thesouro aos teus Annos consagrára.

SONETO.

A MERCINA.

Adeus, Mercina! — Eu parto tristemente,
Que o Fado separar-nos só procura! —
A mais pungente dôr, féra amargura
Constante soffrerei, de ti ausente!

Meu peito, da saudade o paciente,
Talvez não sobreviva á pena dura
Da mais atroz, e estoica desventura,
Cujo effeito lethal, desde já sente!

Mas, crê, Mercina bella: — o coração
Que possuo, não vai; fica com tigo.....
Recebe-o por piedade, e gratidão! —

Mau grado, erre no Mundo, sem abrigo,
Por ti sempre terei terna paixão. . . .
Foi Amor quem dictou a lei que sigo!

ODE ANACREONTICA.

Eu penso, com differença
Dos outros, sobre a Ventura:
Elles só querem riquezas,
Eu só desejo ternura.

Não almejo hum vão renome,
Amor de gloria não tenho;
Altos cargos, opulencia,
Eu, com verdade, desdenho.

Morar em ricos Palacios,
Modelos de architectura;
Ver ás ordens mil criados,
Não acho n'isso ventura.

Não supponho ser fortuna
Ter constante lauta mesa,
Sempre nobre companhia,
Ferteis cofres de riqueza.

Tudo, tudo quanto encanta
Humana louca vaidade,
Nada d'isso me arrebata,
Nem julgo felicidade.

Si tantos bens reunidós,
Eu algum dia gozára,
Por hum só beijo de Marcia,
De mui bom grado trocára.

Hum terno beijo de Marcia
Faria a minha ventura;
Por nada, oh Ceos! eu cedêra
Hum só beijo de ternura.

A quem sabe ser amante,
Vale hum beijo alta ventura,
Inda que a tristeza queira,
Que seja bem que não dura.

Mas se não dura o contacto,
Existe sempre a lembrança,
E nos traz doce saudade,
Que de Amor he alliança.

Eu só quero, n'este Mundo,
Adorar Marcia querida,
Ser tambem por ella amado,
Por ella esgotar a vida.

Se conseguir o desejo
De ser de Marcia attendido;
Nada encontro, que mais possa
Ser no Mundo appetecido.

Gozar seus ternos affagos,
Seus abraços repetidos;
Vivermos sempre gostosos,
Por doce amor sempre unidos.

Ver os seus olhos formosos
Lançarem vistas de amor;
Ver, entre beijos, dos labios
Soltar riso encantador.

Gozar, de prazer sublime,
Mil suspiros de ternura......
Ah! quem póde comparar
Outro bem, a tal ventura!.....

Eu n'isso só considero
Mil venturas reunidas;
E dôce ventura encontro
Em taes lembranças queridas!

Por tanto, gozem os mais
Palacios, honra, e riqueza,
Que eu só desejo fruir
Amor, ternura, e belleza.

E, por Marcia bella, juro,
Que o triste arrependimento,
Jámais, por hum tal motivo,
Me ha de vir ao pensamento.

SONETO.

A vil Ingratidão, feia Inconstancia,
Do Crime infando, filhas negregadas,
Eis que surgem, das Furias escoltadas,
Expellidas por negra, infernal ância.

Só partilha de crua ignorancia,
Com féras, negras mãos vis, descarnadas,
Estes monstros fataes, refugiadas
Trazem dôce Virtude, e san Constancia!

Encobertos no traje da belleza,
Ora envôltos nos mimos da ternura,
Occultando, a principio, audaz fereza:

Alçam depois a horrenda catadura;
Opprimem com furôr a Natureza!....
Cada qual na maldade mais se apura!!!

ODE.

AO MUITO ALTO E MUITO PODEROSO

SENHOR D. PEDRO II,

IMPERADOR CONSTITUCIONAL E DEFENSOR PERPETUO DO BRASIL,

Por occasião do Solemne Acto de Sua Sagração e Coroação, em 18 de Julho de 1841.

Vede como a Cabeça Lhe guarnece
Pacifica oliveira,
E ornado de huma gloria verdadeira,
Entre os Seus Ascendentes resplandece!

DINIZ, *Ode XXX, Estrophe* 8.

O Sacro Animador da Natureza,
O que aos astros prescreve
As leis indefectiveis,
Hoje, cheio de Gloria, e de Bondade,
Se Aprouve de Mandar, em nosso apoio,
O Dia Magestoso,
Em o qual o Diadema Excelso Cinge
— PEDRO SEGUNDO —, do Brasil garante!

Marcado estava já por Mão do Eterno
O Solo Brasileiro
Para n'elle Nascer
O Dilecto do Céo — PEDRO SEGUNDO! —
Do florecente Imperio ao Throno assoma;
E a PATRIA, feliz
Fará zeloso, grandiosa, e forte;
Pois PEDRO he do Brasil Destino e Nume!

Do Amazonas ao Prata hum povo inteiro
Unisono hoje entôa,
Com harto enthusiasmo,
Vivas cheios de amor, e de alegria,
Que, sinceros, a PEDRO são votados!....
Já não posso conter
A grata sensação, que o peito abrange.....
Mas a voz não exprime o qu'alma sente!

Garboso o Rio vejo hoje trajado
De galas rutilantes;
E, em tão alto ensejo,
S'esparge almo prazer, e se demonstra
Nos puros corações, qu'a PATRIA adoram.
Ah! queira o Céo piedoso
Esmagar a Discordia inféria, insana,
E calcar d'Anarchia o collo horrendo!

Hum Povo docil, justo, independente,
Hospitaleiro, e grato,
Sempre franco, e leal,
Merece protecção, merece amparo.
Sê, Senhor, para elle hum Pae Clemente,
Bemfeitor desvelado:
— D'est'arte o Imperio, que Te viu Nascer,
Inveja não terá d'antiga Roma. —

De hoje avante, Senhor, doma as paixões,
Que dividem Teus subditos:
Mostrando a véra estrada
Da Honra, e da Razão, — oh! Faz que chegue
A ser o Brasileiro respeitado,
Tanto quanto he possivel,
Entre as grandes Nações, d'orgulho cheias,
Entre os Povos mais cultos do Universo.

A Independencia, Senhor, Teu Pae nos Deu...
(Como salta no peito
Meu fiel coração,
Ouvindo o Divo Nome — Independencia!!!)
Tambem nos Outorgou a — Liberdade:
De mister he porêm,
Que sábias, justas Leis regulem, velem
Da — Independencia —, e Liberdade os fóros.

A' sombra d'Ellas, desde o Sul ao Norte,
Reinará doce Paz,
E fraterna Concordia
Existirá no Povo Americano!
Por hum Sábio Imperante governado,
No seio da grandeza,
O Brasil das Nações será modelo;
A edade aurif'ra surgirá de novo!

S'inda o genio do mal nos entorpece,
E tolhe nossos passos,
Superna Providencia
Te Manda, Excelso Pedro, em nosso amparo!
Tu Hes o Norte, que salvar-nos póde,
Hes a nossa esperança:
Assim o Autor de Tudo Ha Decretado:
Não temas, ó Brasil! Deus Te Protege!

Soccorre sempre a candida Virtude,
Ao Merito premeia;
E verás, ó Monarcha!
O Teu Nome passar alem dos evos.
Constante o tôrpe Vicio espanca, esmaga,
Faz punir os delictos. . . . .
— Os Heróes, por tal senda caminharam
Ao Sacro Templo perennal da Gloria.

Mas onde me arrebata este aureo Dia?!...
Ah! doce e chara PATRIA!
Si eu pudéra co'a vida
Alto renome dar-Te, e f'licidade,
A vida eu Te cedêra satisfeito;
E do sidereo espaço,
Onde innumeros Sóes constantes brilham,
Vendo feliz a PATRIA, eu exultára!

Sê Benigno, SENHOR; Perdoa ao Vate,
Que hoje humilde Te offerta
Tenue demonstração
Do quanto a Ti, e á PATRIA adora e préza.
Ah! queira Deus Supremo Ornar Teu Solio
De prósperas venturas.....
E o Brasil ha de ver, livre de susto,
Em Ti, segundo Tito, hum novo Augusto!

SONETO.

OFFERECIDO AO ILL.^{mo} SR. DR. P.,

Por occasião do seu feliz Consorcio.

De festival fulgor, jamais usado,
Eis que se apresentou Dia formoso,
No qual Josino charo e primoroso
De Hymeneu alcançou prospero estado.

De Mercina o constante, e terno agrado,
As raras perfeições, porte garboso,
Por certo que trarão excelso gozo
Ao Consorte, que o Céo lhe ha destinado.

Do Thálamo feliz, doce ventura,
E glória has de fruir, a mais perfeita,
Que a hum Mortal póde dar alma Natura.

Pela justa união, ha pouco feita,
E que hum Destino placido te augura,
Este meu — Parabem — sincero, aceita.

LYRA.

Porque me desprezas,
Analia mimosa?....
Tens peito de rocha,
Belleza, qual rosa!

Elmano, que te consagra
O amor mais puro, e terno,
Deve receber em paga
Só desdens, partos do Averno?!

Analia, meu Bem,
Typo da beldade!
Volve a mim teus olhos
Com amenidade!

Dize, ingrata, si na terra
Póde outro peito, que o meu,
Dar-te mais cópia de amor,
Prezar mais o rosto teu?

Si não attenderes
A' minha paixão,
Hes o simulacro
Da ingratidão!

Delirante, amargurado,
He peior que a morte a vida:
Os teus desprezos me matam....
Tu hes, Analia, homicida!

Lá quando volverem
Os tardios annos,
Talvez, e com mágoa,
Sentirás teus damnos!

Então já de todo gasta
Essa tua formosura,
Verás que, me desprezando,
Commetteste atroz loucura.

Sem haver remedio
Has de então chorar,
Tal como eu agora
Vivo a suspirar!

Póde ser, que então almejes
Do meu amor a doçura;
Mas o tempo o destruindo,
Deixará só amargura!

SONETO.

AOS FELIZES ANNOS

DA ILL.ma SR.a D. FRANCISCA MARIA DA GLORIA,

Em 15 de Agosto de 1841.

A ingente Fama, que transmitte os feitos,
A's paginas remotas do futuro,
Faz com que hoje impávido e seguro
Louve da san Virtude altos preceitos.

Eis, Francina! Eu por todos os respeitos
Teu Natal louvar devo, ameno e puro:
Os Céos, em teu abono hoje conjuro,
E meus rogos serão, de certo, aceitos.

Unida ao Esposo, terna, e carinhosa,
Mais hum anno tu contas, sempre dina,
Sempre meiga, e feliz; sempre ditosa!

Sobre a terra tu hes Semi-Divina....
Com mil graças fulguras, primorosa
No Dia dos teus Annos, ó Francina!!

SONETO.

AO MESMO ASSUMPTO.

Mais hum Dia Natal, eis mais hum louro
Alcançado na luta da existencia!....
Ah! quão feliz quem goza a triste essencia
Da passageira vida, sem desdouro!

Tens, Francina, das Graças o thesouro;
Da Virtude desfructas a excellencia,
Não supportas a negra dependencia....
Renasceu, para ti, a edade d'ouro!!!

Prasenteira te vejo; sem da Sorte
Os caprichos temer, nem féros damnos.....
Hes doce e chara Mãe, terna Consorte!

Se mil dotes encerras, mais que humanos,
Perpétuos hão de ser, (máu grado a morte,)
O teu nome sem par, teus faustos Annos!

MOTE.

Hum só pingo do ciume
He peior, que o fel da morte.

GLOSA.

He arder em vivo lume,
He viver sempre penando;
He parto do Averno infando
Hum só pingo do ciume!
Tudo quanto he mal, resume;
Ao peito traz dôr tão forte,
Que hum triste Amante, sem Norte,
Quasi perdendo a razão,
Conhece, que tal paixão
He peior que o fel da morte!

MOTE.

Hum só pingo do ciume
He peior que o fel da morte.

GLOSA.

De Amor do elevado cume
Desce negra fonte impura;
He torrente de amargura
Hum sò pingo do ciume!
No peito entorna azedume,
Desconfiança assaz forte!
Muda-se então, d'esta sorte,
Em furia o terno Amador;
E até o nectar de amor
He peior, que o fel da morte!

SONETO ACROSTICO.

Ao Magestoso e Sublime Dia Sete de Setembro de 1841, vigesimo Anniversario da Independencia do Brasil.

Salve, Dia Brilhante, e Magestoso!
Eu Te Saudo, com prazer ingente!
Tu Hes Emanação de hum Deus Clemente,
Esmalte do Brasil, da Patria gôzo!

Da Metrópole o jugo átro, horroroso.
Em mil fracções se quebra..... e Independente
Sahe d'entre ferros, surge florecente,
Exulta, — livre já, — Solo Ditoso!!!

Teu brilho mais recresce, e mais se atêa
Em ver no Solio do Brasil hum Membro.....
Monarcha, que o Imperio aformosêa!

Brasileiros! Ouvi o que hoje lembro: —
Rompeu da escravidão a vil cadêa
O Fausto Dia — Sete de Setembro! —

S.

EPIGRAMMA.

« Por que anda Jonio tão triste,
» E nada diz com franqueza?
» Vive sempre vacillante. . . . .
» Julga ser do engano prêsa? »

Esta pergunta, fazia
Alpheu, grande fallador,
A Mevio, que dos viventes
Julga ser escrutador.

« Qual!.. (Mevio prompto responde)
» Attendei bem no que fallo:
» — He qu' em sua casa, póde
« *A gallinha mais que o gallo*! » —

TRES DIAS DE CHRISTOVÃO COLOMBO.

« À Europa! á Europa! — Esperem! — Não queremos!
« Tres dias, diz Colombo, e hum Mundo dou-vos.»
E com o dedo o mostrava, e, para vêl-o,
Traspassava, co' a vista, do horisonte
A profundez immensa. — Velejando,
Raiou-lhe dos tres dias o primeiro.
Veleja, e o horisonte ante elle foge;
Veleja, e morre o dia. — Eis se confunde
A seus olhos o azul de hum Céo sem termo
Co'o azul das salsas ondas. — E veleja
Ainda, e de continuo; em balde a sonda
Mergulha e remergulha em mar sem fundo.

Mudo, triste, o piloto, segurando
Do leme a canna, que nas trevas range,
Das vagas o rugido surdo escuta,
E o funebre estalar das lassas vergas.
Da Europa os astros já desparecêram
Do Céo; a ardente Cruz do Sul o assusta!

Tão lenta em despontar, em fim branquêa
A suspirada aurora o baixel fragil
Com seu doce clarão: « Colombo! he dia!
He dia! e que vês tu? — A immensidade! » —

Raia o segundo dia. — Mas Colombo.
Que faz elle? — Adormece de cançado.
Conspiram. « Morrerá? — Votos! — A morte!
» A morte! — a morte! — que amanhãa triumphe,
» Ou da vida, perjuro, o alento exhale. »
Ingratos! pois terá por sepultura
Esses mares, Colombo, onde atrevido
Abre novo caminho! E por ventura.
A manhãa arrojando-o as impias ondas
A's praias, que seus olhos procuravam.
Tocal-as deverá, rolando (oh mágoa!)
Sobre a areia, Colombo, aventureiro
Hoje sim, mas, hum dia após, grande homem!

Súbito do alto dos mastros gritam: — Terra!
Terra! terra! respondem. . . . Elle acorda:
Corre: sim, tu bem vês, he ella, he ella. . . .
Terra! . . . grato espectaculo! oh transportes!
Oh maravilha! suffocar não póde
Generosos soluços! « Céos! Fernando,
» Que juizo fará de mim! A Europa,
» O porvir que dirá? » — Ao seu Rei dôa

Essa terra fecunda; El-Rei pagar-lhe
Curtidas penas vae: thesouros, honras,
De hum Mundo em troca, hum Throno, ah! era pouco!
Com que pagou-lhe ElRei? Com que?... Com ferros!

Poema de Casimir Delavigne, e traducção do meu
Amigo e Collega, o Sr. José Nicoláu da Costa Ferreira.

SONETO[5].

Póde o Tempo voraz, Elisa amada,
Prestes seccar frondífero arvoredo;
E o mais possante, e rigido penedo
Reduzir a pó, terra, cinza, e nada.

Póde a Sorte cruel, desesperada
Dar-me de prompto o mais atroz degredo;
E que mesmo agrilhoado, e no segredo,
Exhale a triste vida amargurada!

Póde até esta ingrata, e estranha gente
Negar a meu cadaver sepultura,
Si a tanto chega o horror de hum paciente!

Póde. . . . porém, não póde que a ternura
De hum coração, que adora ternamente
Se torne em coração de pedra dura!

ODE.

AOS FELIZES ANNOS

DA ILL.ma E EX.ma SRA. D. D.... M..... V......,

Em 2 de Dezembro de 1841.

Jámais a Aurora precedeu Apollo
Tão meiga, e diligente,
Abrindo, sem temor de avernal dólo
As fulvas portas do rosado Oriente,
Como hoje, em que no solo
Do Brasil florecente,
O prazo mais de hum anno, eis que termina
A bella, e Preclarissima Dermina.

Seus dotes immortaes, sua belleza
Que excedem aos humanos,
São marcados, do globo em redondeza,
Como prendas dos Numes Soberanos.
Sem que tema a fereza
De soberbosos damnos,
Ha de ao Templo levar da san Memoria
O seu nome sem pár, sua alta gloria.

O teu fausto Natal, chara DERMINA,
Qual o sol fulgurante,
Transmitte aos corações flamma divina,
Do mais grato prazer vivificante.
Olha como Lucina
Adornou teu semblante;
E Chyron, que presidiu teu nascimento,
Te formou sem igual lindo Portento!

Parece que a propicia alma Natura
Só trata de brindar-te:
Formando-te leal, perfeita e pura,
Quiz ainda os primores elevar-te!
E por magna ventura,
(P'ra que fosses louvada em toda a parte),
Uniu o teu Natal nobre e jucundo
Ao do grande Immortal — PEDRO SEGUNDO.

Hes bella, affavel, terna e carinhosa
Da fortuna querida:
Que mais te resta, para ser ditosa,
No procelloso transito da vida?....
Estrella bonançosa
Te afasta acerba lida.....
Si mais ditas na terra hum Deus creasse.
Talvez, que a ti sómente, as outorgasse!

Qual libannico cedro na floresta
Se ostenta altivo, e forte;
Tal, cheio de fulgor, se manifesta
Teu magestoso, raro, e bello porte!
O Vicio, ah! não molesta
A quem Virtude he Norte...
Em balde a inveja hostil ousa tocar-te;
O detractor não póde embaciar-te.

Na vida de hum Heróe vélas cuidosa
Solicita ajudando
A tornar menos féra a dôr morbosa.
Que a vida excelsa vai-lhe torturando!
Serena, e primorosa,
Taes males afrontando;
Hes symbolo perfeito da Candura,
Da fraterna Amizade a imagem pura!

Bem sei, que não precisas que meu canto
Celébre este almo Dia,
Nem minha fraca Musa póde tanto.....
Porêm no peito ardia
Fogo celeste, e santo;
E a teus Annos offerto o que m'inspira
A minha dissonante e tosca Lyra.

Nas aras da mais pura gratidão,
O' Illustre Deidade!
Este voto sincero, esta oblação
Te consagro: — desculpa a exiguidade.
Filhos do coração,
Recebe-os com bondade,
Que ao Orbe inteiro exaltarei contente
Teu Natalicio Egregio, Nobre, Ingente!

SONETO.

As graças, os encantos, a ternura
De mil Deidades, que no Mundo habitam,
Ah! Marilia, meu bem, jamais imitam
Nem levemente a tua formosura!

Os dotes divinaes d'essa alma pura,
A constante adorar-te só me excitam;
E os Céos, em tempo algum, nunca permittam
Que tu percas as graças, a doçura!

Hes modelo de rara perfeição;
Só com tigo esmerou-se a Natureza,
Que deu-te hum tão sensivel coração!

Sempre avêssa á linguagem da fereza;
Odiando a cruel, negra traição,
Hes singular no genio, e na belleza!

EPIGRAMMA.

Dialogo entre Alpheu, e Francino.

ALPHEU.

Tu, que penétras, Francino,
Os segredos da Natura;
Diz-me: — d'onde veio a Jonio
Tão portentosa ventura?!

Sem qualidades, sem mérito,
Sórdido, avaro, e pedante;
Quer a lei dictar a todos
Este afamado tratante!!!

FRANCINO.

Como he que Jonio não ha de
Mostrar-se, qual — *Grão Senhor*, —
Se foi de Venus, *correio*,
E hoje he vil adulador!!

SONETO.

Sem que cinja os laureis d'alta victoria,
Sem que, da chara Patria, imigos dome;
Alcança Adulador, cargo, e renome,
Custosa ostentação, feudal memoria!!...

N'esta aspérrima vida transitoria,
Grandes feitos o Vicio audaz consome!.....
E nem huma só vez se apraz que assome
Da candida Virtude a fama, a glória!!!

Esbravejem as Furias do Cocyto;
Desprézo tão nefanda e torpe Sorte;
Pois ella não supplanta hum peito invicto!

Jazendo na miseria, he assaz forte
Aquelle, a quem não mancha atroz delicto,
Porque revive illeso alem da morte!!

ALLEGORIA.

> Nec vero ulla vis imperii tanta est, quæ premente metu possit esse diuturna.
>
> Cicero, *de Officiis.*

Sentemo-nos, ó Marcia, n'esta sombra,
Ouvindo o murmurio de hum ribeiro,
Que brandamente corre, argénteo, e puro,
E se desliza ufano, ali no prado,
Tantas voltas fazendo, qual serpente,
Qu' emboscada, espreitando existe a presa,
Na qual cevar pretende a voraz fome.
Contempla, ó Marcia, a alcantilada serra,
Que da orla da várzea se levanta:
Que troncos colossaes n'ella se avistam!
Que arvores possantes, cujas cômas
Frondosas, lédas, vão topar co'as nuvens,
E que em torno de si deixam sómente
Apenas vegetar frageis arbustos,
E tenues plantas, sempre temerosas
Dos corpos gigantêos, que verdes tectos
Formando com centi-lenhosos braços,
Os igneos raios do brilhante Apollo

Com sua opacidade, eis que refractam;
E benéfica luz jámais consentem
Que o debil tronco hum dia lhes vigore;
Qual tyranno feroz, que o despotismo
No leonino peito ardente géra,
E com ância avernal expelle e arroja
Sobre o povo infeliz, curvado ao pêso
Do infortunio atroz, cruento e duro!
Só prezando a ignorancia, amando as trévas,
As luzes, a sciencia não consente;
Descanço, e doce paz he seu tormento;
Sangue sómente almeja, estrago e mortes;
Fallaz adulação sómente o nutre!
Quer ser forte, cercado de cadav'res,
Ser temido, immolando inermes victimas!!!
Sómente julga lei sua vontade,
Embora a humanidade afflicta gêma;
Embora a orphandade á mingua exhale
A existencia penosa, e desabrida!
Embora, quaes misérrimos escravos,
Seus vassallos supportem mil cadêas,
Que os descarnados membros lhe rocheam!
Embora elles existam, esmolando
Da sacra Caridade o pão, banhado
Com lagrimas acerbas da indigencia,
E obtido, talvez, com quanta mágoa,
E com quanta vergonha do qu' implora!
Embora gemam, cheios de amargura,
Sem que licito seja, ao véro amigo

Relatar huma parte de seus males,
Pedir soccorro á sua desventura;
Por que usar da palavra lhe he vedado;
E si arrisca hum só termo, tem patente
A' dextra o cadafalso, á sestra o fogo!!!...

Eis, ó Marcia, o reinado de hum tyranno!
Só se apraz n'hum acervo de ruinas!...
Eis a sorte da triste humanidade,
Que em vez de terno pae, hum Nero encontra!!

Mas, olha, chara Marcia, n'este bosque,
Eu te apresento o fim da tyrannia....
— Que de exemplos não mostra alma Natura
Nas suas producções tão variadas! —
— Ah! quizera o mortal aproveitar-se
Das prudentes lições da Natureza! —
Porêm a raça ingrata dos humanos
Só propende ao furor, ao odio, ao crime:
Ama o vicio lethal, foge á virtude!

Não vês, ó doce Marcia, aquelle tronco,
Que aspecto melancolico apresenta,
Já sem folhas, e quasi já sem vida,
Coberto de espinhosa crusta rude?
Pois foi hum *Cedro* altivo, e magestoso,
Hum vegetal tyranno d'estes bosques.
Qual outros, qu'inda vês n'esta espessura,
Accésso jámais dava em seu contorno;

Por certo qu' heram invios seus estados.
—Mas, ah! que após o mal, vem o remedio!
E prestes ao delicto, segue a pena!—
Hum *Cardo*[6] exiguo e fraco, junto ao *Cedro*
Firmou sua raiz, e foi trepando
Lentamente ora hum, ora outro ramo:
O *Cedro* o esmagára se pudéra. . . .
— Porém o *Cardo* parasita, iguala
Ao vil adulador Palaciano.—
Louvou, talvez ao *Cedro*, e lisongeiro
Exagerou qu'elle erà alto Monarcha,
Senhor absoluto, e tão potente,
Que dominava só todos os bosques.
Fosse, ou não fosse assim:— O caso certo
He que todos os dias mais trepava,
E mui presto galgou subida coma;
Sem o *Cedro* jamais curar do damno,
Que lentamente o falso lhe causava.—
Com a seiva do *Cedro* se alimenta:
Volve o tempo, e o *Cardo* mais se arreiga;
Cada vez mais feroz, invade o *Cédro;*
Priva-o da luz, prohibe-lhe a humidade;
Junto do incauto *Cédro* não consente
Nada, que possa ainda a vida dar-lhe!
Do triste a força herculea já se extingue!
As verdes folhas já se amarellecem;
Os Euros, huma a huma vão levando,
E já não resta mais que os seccos ramos,
Entre os quaes, fatal cardo eisque se ostenta!

Do *Cedro* annoso a casca se despega,
Seu logar toma logo o parasita;
Já não mostra esse porte audacioso:
De misero vassallo o logar toma!
Já verçudo não he; já não faz guerra
Ao acanhado arbusto a larga sombra!!....
— Tal he de atroz tyranno o fim sinistro!! —

— O poder que se esteia tão sómente
Na morte, no terror, na tyrannia,
Por mais que forte queira apresentar-se,
Nunca póde existir por longo tempo.
De subito seu baque ha de sentir-se:
E ouvindo imprecações, por males tantos,
Ao Orco volverá, donde surgíra!!! —

Mas identico exemplo inda te mostro,
D'este mesmo logar, n'esta montanha.

Não vês ali no pincaro da serra
Aquelle soberboso, esvelto tronco,
Por grossos filamentos tão ligado,
Cuja cópa frondífera, demonstra
Entre as suas conter folhas estranhas?
He hum *Gequitibá:* — tal como o *Cedro*,
Despotico mandava em seus estados:
Elevando a cabeça alem de todos,
Parecia querer, ao bosque inteiro
Impôr a ferrea lei, qual hum tyranno!....

Branca *Araponga*[7] o cimo eis que lhe galga,
Com férrea voz, a furia assás lhe excita,
E n'alma vegetal lhe imprime o dólo.
Sobre a côma elevada, deposita
De parasita planta huma semente,
Que por almo calor desenvolvida,
Já cresce, ja se mostra audaz *Figueira.*[8]
Mil raizes estende, o tronco cinge,
Succosas folhas já se desenvolvem;
E mui breve a *Figueira*, inda hontem fraca,
Do grão *Gequitibá* roubar pretende
O insano poder, e dar-lhe a morte!

Eis aqui, chara Marcia, hum véro quadro
Da vil adulação, da atroz cobiça,
Da féra tyrannia insaciavel,
Do hórrido, e nefando despotismo!

Só povos governar deve hum Rei justo,
Amigo da Sublime — Liberdade,
Que sómente do povo o bem promove;
Que a dôce Paz na Patria consolida;
Que aos subditos fieis mil bens outorga,
Prezando-os, como préza o pae ao filho.
A' vil adulação cerrando ouvidos;
Esmagando os infames lisonjeiros;
Plácido, ouvindo o grande, e o pequeno,
Igual justiça dando ao rico, e ao pobre:

Sempre alegre, amparando a san Virtude;
Triste sempre, punindo o torpe Vicio.

Os nomes divinaes, e ingentes feitos
De Antonino, de Augusto e de Trajano,
A derrocada Roma, inda apresenta,
Para dos justos Reis serem modelos!....

Não esses, que a historia assás mancharam,
Quaes Caligula, Nero, Heliogabalo,
Que inda hoje de horror se apossa o peito,
Ouvindo enumerar tão negros crimes!

Os justos Reis descançam nos Elysios.....
Para os máus só existe hórrido Averno!

SONETO.

OFFERECIDO AO MEU ILLUSTRE AMIGO

O SR. BELLARMINO RICARDO DE SEQUEIRA,

Em 1841.

Do Destino no Templo pavoroso,
Com passo firme entrei, maravilhado;
De hum Amigo queria ver se o fado
Era triste, cruel, ou bonançoso.

Franqueando o logar despiedoso,
De súbito fiquei desanimado....
Porém o meu empenho, e o meu cuidado
De novo me tornaram valoroso.

Ao throno me aproximo... o Nume encaro...
Do meu Heróe inquiro a sorte inteira....
E o arcano descobre o Deus avaro:

« Aos evos passará, sempre altaneira,
» A nobre fama do Mortal preclaro
» Bellarmino Ricardo de Sequeira! »

MADRIGAL.

He, na verdade, notavel
Que tanta gente critique,
Que hum amante apaixonado
Mil disparates pratique.

Mas eu não sei por que causa
Levam isto tanto a mal;
Pois, quanto a mim, considero
Tudo muito natural.

Amor he menino, e deve
Só criançadas fazer....
— Si Amor he huma criança
Juizo não póde ter. —

SONETO.

AO MEU PREZADO AMIGO,

O SR. DR. J. J. FERNANDES COELHO,

Por occasião da minha despedida, partindo da Villa de Rezende para esta Côrte, em 27 de Dezembro de 1842.

Amitié, don du Ciel, soutien des grandes âmes!
VOLTAIRE.

A cruel afflicção, que o peito sente,
N'esta acerba, e chorosa despedida,
O termo quasi toca de huma vida,
Que males, e só males tem patente!

A Sorte, charo Amigo, hoje consente
Que de ti me separe; e desabrida,
Sempre commigo atroz, sempre homicida,
Rasga hum peito que te ama ternamente!

Porém, posto que longe o meu Destino,
Austero me conduza, sem piedade,
Ausente, serei sempre de ti dino.

Não findou inda o Céo sua bondade.....
Por certo que ha de ser p'ra mim benino,
Fazendo eternizar nossa amizade.

EPIGRAMMA.

Com trapaça, e com lisonja
Tem Jonio assás prosperado;
Até blasona, que breve
Será — Ministro d'Estado.

Nada d'isso me admira,
Por ser rifão verdadeiro;
Que — quem não possue vergonha,
He senhor do mundo inteiro. —

SONETO.

OFFERECIDO

AO ILL.^mo SR. FIDELIS JOSÉ ALVARES,

Por occasião do seu feliz Consorcio com a Ill.^ma Sra. D. Maria Joanna da Conceição, em 27 de Fevereiro de 1843.

Já o fúlgido Apollo ao plaustro assoma,
Trazendo o fausto Dia esperançoso,
Em que Fileno Illustre, e primoroso
De Hymeneu divinal o Estado toma.

O puro coração de Marcia, doma
Cupido, para ella, hoje afagoso;
E o Fado lhe decreta, prestimoso,
Maior renome, que o da antiga Roma!

Taes virtudes encerra o Par brilhante,
Que ao Mundo ha de doar grata memoria,
E eterna existirá, léda, e constante!

De Fileno, e de Marcia, a fama, a glória,
O preclaro Hymeneu, sempre radiante,
Memorados serão d'Amor na historia!

SONETO.

AO MESMO ASSUMPTO.

Dos altos cimos Prole venturosa.

Das aras divinaes nas tochas arde
O sacro fogo, que de amor descende;
E por gloria do Par, que hoje se prende,
Fulge alegre a manhãa, florece a tarde.

Em quanto, sempre hostil, Zoilo covarde,
Vendido ao crime, detracções expende,
Pacheco, terno Pae, que aos filhos tende,
Alcança de Hymeneu favor que os guarde.

Qual costuma ostentar-se ao Palinuro
No horisonte do mar Venus mimosa,
Tal busca aos Noivos lúcido futuro.

Corre a vêl-os contente e pressurosa,
Deixando o pavilhão sidéreo e puro,
Dos altos cimos Prole venturosa!

SONETO [9].

AO MESMO ASSUMPTO.

Quiz de Jove a vontade poderosa
Dar ao Mundo este Dia sem igual,
Unindo, em dôce laço conjugal,
A' FIDELIS, MARIA virtuosa!

De seu talhe gentil, figura airosa
Novo brilho recebe o nó nupcial:
Do Céo este Hymeneu seja eternal,
No remanso da paz, sempre ditosa!

As graças, os prazeres, a alegria
Te conservem o bello, e altivo porte
Por dilatados annos, ó MARIA!

Feliz, qual o teu Pae, tenhas a sorte....
Vivendo em pró do estado, em harmonia,
Serás hum — Dom Celeste — ao teu Consorte!

SONETO.

AO MESMO ASSUMPTO.

Qual de rochedo puro, o firme peito
Foi sempre o de Fidelis para amor:
Brama Cupido ardendo em grão furor,
E á mãe vingança pede em seu despeito.

Eis que Venus emprega força e geito,
Para lenir do filho acerba dôr:
Das Graças apresenta alto primor;
Mas Fidelis não muda de conceito!

Então a bella Deusa, triste, e afflicta,
De Maria lhe mostra a san beldade,
E a sacro Hymeneu logo o concita!

D'esse Estado feliz já tem saudade....
E ás plantas de Maria deposita
Honesta vassalagem de amizade!

LYRA.

Quando, Mercina,
De ti me ausento,
Da chara vida
Perco o alento!

Ah! quanto custa
Ao peito amante,
Da terna Amada
Viver distante!

Paixão violenta,
Com crueldade,
Traz a meu peito
Negra saudade.

Ah! quanto custa,
Ao peito amante,
Da terna Amada
Viver distante!

Em tua ausencia,
Consolação,
Jámais encontra
Meu coração!

Ah! quanto custa,
Ao peito amante,
Da terna Amada
Viver distante!

Tudo, Mercina!
Por teu respeito,
Soffre, saudoso,
Meu triste peito!

Ah! quanto custa,
Ao peito amante,
Da terna Amada
Viver distante!

He mais suave,
Bella Deidade!
A dôr da morte,
Que a da saudade!

Ah! quanto custa,
Ao peito amante,
Da terna Amada
Viver distante!

SONETO.

Coração, que não ama, e não suspira,
Que se não curva aos mimos da ternura,
Desconhece de hum Deus a essencia pura;
Que Amor todo o Universo eis que respira!

Suave sensação, que logo inspira
Perfeita e peregrina formosura,
Só a póde negar, quem da Natura
Nunca os almos effeitos presentira!

A planta irracional supporta, e sente
Este doce preceito: — em qualquer parte
Amor se mostra aos olhos do vivente. —

Effeito natural, não filho d'arte;
Quem póde, Amor! a teu poder ingente
Deixar de se render? — Como evitar-te?! —

ODE.

AOS FELIZES ANNOS

DA ILL.ma SRA. D. FRANCISCA MARIA DA GLORIA,

Em 15 de Agosto de 1843.

Ráia sempre brilhante, e prazenteiro,
O sempre festival formoso Dia,
No qual da edade mais hum anno conta
A Illustre Francina!

Este prazo he nos Fastos do Janeiro
Em que a Religião sacra fulgura;
E de galas o povo revestido
Corre ao Templo Sublime [10].

Entre os Canticos puros, entre os Hymnos,
Que se offertam da Gloria á Mãi Superna;
Conta Francina a rotação terráquea,
Que os annos lhe assignala.

Na carreira da vida, hum só tropeço;
Nos embates do Mundo, huma só mágoa,
Francina não soffreu da austera Sorte,
Sómente paz gozou!

Volvem-lhe os dias prósperos, serenos,
Do solícito Esposo sempre ao lado,
Junto dos Filhos charos, que reflectem
Dos Paes a véra imagem.

No gozo d'abundancia, e lá no centro
Da plácida união, onde não medram
Devoradora intriga, átra discordia,
Alegre, a vida passa.

Teus annos serão sempre memorados
Por aquelles que têm meiga ventura
De gozar, na mais doce, e pura liga,
Tua rara amizade!

Hum Genio protector, hum Nume amigo
Tua existencia cautelosos guardam,
Afastando de ti acerbos damnos,
Só danto-te prazeres!

Quem sobre a terra tem tantas virtudes,
Quem disfructa do Céo a amenidade,
Calca do Tempo atroz poder insano,
E ganha alto renome!

Os arpejos da pobre, e fraca Lyra,
Aceita com bondade; e crê, Francina,
Que minha alma sincera desejára
Os teus annos eternos!

SONETO.

AO SEMPRE FAUSTO E MAGESTOSO DIA

SETE DE SETEMBRO DE 1843,

Vigesimo segundo Anniversario da Independencia do Brasil.

Brilha a luz matinal sobre o horisonte
N'este Dia de encantos, jubiloso!
Eis, na campina azul, Delio formoso
Sólta Phlegon, Eoo, Pyrois, Ethonte.

Ao Céo espelha docemente a fonte;
Rindo murmura o rio preguiçoso;
Canta na selva o sabiá mimoso;
Brilha a cheirosa flôr no altivo monte.

Rompe os ares suave melodia
Do seio da Brasilea Sociedade:
Tudo respira paz, tudo alegria!

Entre os mimos de amor, e de amizade,
Tudo se anima, tudo se gloria;
Tudo exclamar parece: — Oh Liberdade!!!

DISTICOS [11].

A' SUA MAGESTADE IMPERIAL

O SENHOR DOM PEDRO SEGUNDO,

Por occasião do Solemne Acto de Sua Sagração e Coroação.

1

Calem-se agora anciãos Cesáreos nomes;
Só Pedro em doce metro aos evos passe.

2

Volvem c' o Excelso Pedro os aureos sec'los ,
Sec'los, por quem a Patria suspirava.

3

Eil-O que a Liberdade altêia aos astros;
Sem Elle o negro Averno a tragaria.

4

Brasil ! Teu esplendor de Pedro mana ;
He por Elle que tens condigno preço.

5

Grão Monarcha! Que bens nos não prodígas!
Primas entre os coévos Soberanos!

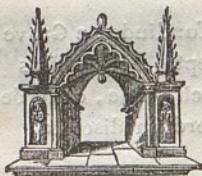
6

Fujam de nós a guerra, os males todos:
A Paz bemaventure o nosso sólo.

7

Não prosigas, ó Povo; possues tudo:
Que mais queres?—Cumpriram-se os destinos!

8

Do grande Salomão, que he da opulencia?
Caducou:—mas será perenne a nossa.

ODE.

AO MESMO ASSUMPTO.

O' Clio, ó Musa! Ensina-me, benigna,
A modular altiloquo e sublime
A ingente Gloria do Monarcha Egregio,
De Pedro, amor dos Numes.

De mellifluas canções hes digno, ó Pedro,
A Ti, Pousando, em purpuras trajado,
Sobre augusto, aureo Throno esmeraldino,
Celébre o Deus de Délos.

Já, respeito infundindo, e Grave Empunhas
O Brasilico Sceptro, e Rivalisas
Mesmo co'o Inclito Pae, o Heróe famoso,
Na cordura discréta.

Segue as pisadas da Prosápia invicta;
Concilia d'est'arte o amor de todos,
Que, gratos, Te alçarão altar, e a Fama
Illustrará Teu Nome.

Cale a Deusa Plumífera virtudes
Austeras de Catão; não louve a Cesar;
A ti sómente — Divo — ella appellida :
Tal nome ao PAE já coube.

A nossa vida, a nossa INDEPENDENCIA
Devêmol-as a Elle : — a Patria chara
Nos Deu florente e livre : — d'este Imperio
O Fundador foi Elle.

Foi notavel Seu genio bemfazejo,
Ao Povo o Seu amor, ás leis o afêrro :
O pae dos Deuses, Jove Omnipotente
Fadou-Te a igual ventura.

Hes similhante, ó PEDRO, ao grão Monarcha,
Teu PAE. . . . (assás de lagrimas não temos
Para choral-o !) Hes Pae, Hes nosso Nume,
Qual Elle tambem fôra !

Elle ora brilha entre os luzentes astros
Dos Céos, da Ethérea luz gozando á farta ;
Glória lhe seja eterna, immensa, á face
Do Creador Eterno !

Grande por nascimento, e Sabio, e Justo,
Os respeitos geraes com razão Tendo,
Serás tambem chamado eternamente
O Páe dos Brasileiros.

Corram-Te os tempos prósperos, ditosos;
Tão ditosos e prósperos nos corram:
— Fugi, males do Averno; hide encellar-vos
Nas lobregas masmorras! —

A Nação resurgio das trevas do Orco;
Volvem com Tigo de Saturno os evos;
O' Brasilico Povo, Exulta, exulta,
Tamanhos bens fruindo!

Não póde haver maior que a nossa dita;
Hum novo Salomão, — Pedro Segundo —
Na serie nossa, mas Primeiro no Orbe,
O Brasil Rege agora!

SONETO.

Não quero ver de ferros carregado,
Antolhando mui longe a liberdade,
Aquelle, a quem a mais negra maldade
Fez ser meu inimigo encarniçado.

Não desejo que exista aferrolhado
Em masmorras de bruta atrocidade;
Nem tambem que medonha crueldade
Lhe torne o seu viver amargurado.

Só me basta que, sendo terno amante,
Supporte ingratidões, viva trahido,
Por quem lhe promettêra ser constante.

Quizera que encontrasse o bem querido
Nos braços de hum rival, hum só instante,
E vêl-o do Ciume acommettido!

SONHO [12].

Era alta noite de luar brilhante,
E o Firmamento estrellas matizavam;
Serena, e socegada, parecia
Haver adormecido a Natureza.
Tal eu me achava então, no triste leito
De Morpheo possuido; e tregoas dando
Aos constantes trabalhos, que me cercam,
E que a vida me tornam mais pesada!

N'esse estado, em que a essencia dos humanos
Parece haver deixado o corpo inerte,
E ao longe hir perscrutar altos arcanos;
Sonhei estar commigo face a face
Pállido vulto de medonho aspecto!
Alvi-longos cabellos em madeixas,
Sobre o dorso ao acaso fluctuavam;
Hirsuta, encanecida, e longa barba
De venerando aspeito o collo ornavam....
Forma humana não tinha, e nem tão pouco
De irracional a raça denotava.
Quem hes? que queres? (perguntei absorto)
Si das trevas hes tu, terrivel Genio,
Reverte p'ra o Averno, Anjo nefario.

« Ah! tu me não conheces? (prompto exclama)
« Não te lembras de que precisamente
« Trezentas e sessenta e cinco vezes
« Volvido a terra tem sobre os seus eixos,
« E que completa está minha missão?
« Perdão venho pedir de males tantos....
« Por mim não tive acção, não sou culpado:
« Seu throno sobre nós firma a Fortuna;
« Impéra sobre nós o Tempo avaro;
« (O Tempo estragador que em vez das azas,
« Immovel, qual rochedo, antes jazêra!)
« Só te deves queixar d'esses dois Numes.
« Peior te deixo eu, que a muitos outros
« Para quem se mostraram prazenteiros!.....
« Pezaroso de ti eu me despeço,
« De ti que digno hes de melhor sorte!
« Aparto-me de ti; e podes crêl-o,
« Que tal separação será eterna!!!
« Não digas mal de mim, pois he vileza
« De novo revolver finada cinza....
« Eu sei, por tradição, do máu costume
« De, pelo peccador, pagar o justo.....
« Eis meu joven Irmão, que me succede!!...
(E n'isto, pela prima vez, encaro
Hum Joven carrancudo posto ao lado,
De triste fórma, e horrenda catadura,
E não sei que aversão m'imprimiu n'alma!)
« Que o meu, mais feliz seja seu reinado!....
« Adeos, e para sempre, adeos, adeos!!!

N'isto venci o horrendo pesadello.....
E, ao som dos Canhões Nictheroyenses,
Prestes saltei do leito; e a porta abrindo,
A aurora alvorecer vi no horisonte.

Recordando depois este meu sonho,
Vi que a visão primeira era o passado
Mil oito centos e quarenta e hum,
E que, de máo semblante, este que assoma,
Crueis futuros, átros vaticinios
Sobre nós decretava pavoroso!!!...

Mas venha a Providencia em nosso amparo
Desfazer a caligem tenebrosa,
Para que n'esta senda, que trilhamos,
Aos pezares fugindo, ao mal, ao damno,
Fruir possamos nós o novo anno!

SONETO.

O castigo maior, que a hum peito amante
Póde o Fado vibrar com crueldade,
He pôl-o na fatal necessidade
De ausentar-se de quem ama constante.

Fazel-o supportar, quando distante,
Tudo quanto causar póde a saudade;
Concital-o a existir em anciedade
Por não ver o seu bem a cada instante!

Os mimos divinaes, que então gozára,
Ora vem-lhe á lembrança, ora suspira,
Saudoso d'esse Amor, que já passára!

Ah! que tal padecer, jámais sentira,
Quem a terna belleza nunca amára!....
Quem de Amor não soffrêra a injusta ira!

EPICEDIO.

Á SENTIDA E SEMPRE LAMENTADA MORTE

DO MEU PREZADO AMIGO

DOMINGOS PINTO DE OLIVEIRA SAMPAIO,

Victima da explosão da barca de vapor — Especuladora, — em 25 de Maio de 1844.

Mas que horror repentino
As veas me circula espavoridas?
Da morte o immenso livro
Eu vejo abrir-se. Em sangue s'ensopava
A penna que o traçára,
E as mal abertas letras só parecem
De átro sangue hum tecido triste, horrendo!

O R.do A. P. DE SOUZA CALDAS, *Ode*.

Do Berço á Sepultura existe apenas
Limitada extensão fragosa, e triste,
Em a qual nem hum gozo,
Hum momento se quer,
Tem o Mortal de véra f'licidade!...
—Ah! si o Soberbo, si o Traidor, si o Monstro,
Propensos a tornar o Mundo em cinzas,
Vissem a morte, como o fim certeiro
D'expiar seus delictos,
Talvez que arripiassem a carreira,
Morrendo illesos de nefandos crimes. —

Anáthema terrivel
Lançou a Mão do Eterno sobre os filhos
Do infractor Adaõ : —por essa causa
Sujeitos são ás Parcas indomaveis
O Pegureiro inerme, e o Rei potente! —

He Lei irrevogavel:
—Aquelle que nasceu, seus curtos dias,
Em prazo incerto a Morte ha de finar. —
D'esta regra fatal, d'este preceito
Não s'exime o Mortal mais portentoso,
Dilecto da Fortuna, mais preclaro,
Mesmo que a toda a terra a lei decrete.
— Nas cruas mãos da Morte
Perecem Sceptros, C'roas, e Tiaras ! ! ! —

Posto que conscio desta san verdade,
Charo Sampaio, tua morte eu choro!! . . .
Era a tua existencia,
Ao verdadeiro amigo,
Mais prestante quiçá do que a ti mesmo!
Hum sopro só do Averno eis que põe termo
A quem por causas tantas era amado!...

Do successo fatal, pungente, e duro,
Qu'inda de pranto e susto o Rio cobre,
E a bella Nictheroy, sempre fagueira;
Da medonha explosão, que em sacrificio
A Plutão consagraram as Eumênides,

Foste holocausto, tu, ó Charo Amigo!!
Escapei junto a ti, por que milagre?
A vida inda conservo, e com que fito?
Onde tantos perecem, onde a Morte
Parece disputar a palma á Vida!...
Para que escapei?... Deus he quem sabe!....

Horrífica explosão!... e pude ainda
A teu furor fugir, para encarar
A medonha catastrophe, qu'em luto
Faz jazer pae, amigo, filho, esposo!
Ah! sim, eu vivo ainda; mas quem sabe
Si a Sacra Providencia me ha guardado
P'ra fazer-me provar acerbo calix,
E depois dar-me morte expiatoria!

Foste Sampaio, Amigo virtuoso,
Sincero e verdadeiro, estranho ao crime,
Sempre justo e leal, sempre fagueiro.....
Tens, por tanto, hum brazão
Indelevel nos Fastos dos humanos,
Que fará repousar
Teus Manes charos na Mansão dos Justos.
(Ah! se o amigo triste, qu'ora verte
Acerbo pranto sobre o teu Jazigo,
Igual tivesse, quando lhe chegasse
O certo passamento,
Havia de julgar que a fatal Morte
O vinha libertar d'infandos males,
Fazendo-o repousar no Sacro Olympo!)

Do Ceo doce Amizade
Na Terra nos prendeu com laço estreito:
A Lei fatal cortou tão grata liga;
Eis que gemo saudoso,
Esperando que chegue o triste dia,
Triste sim, para mim, Charo Sampaio,
Porque teus altos Dons, tuas Virtudes
Outorgar-me não quiz ferrenha Sorte,
P'ra que possa sahir da terra ingrata
Incólume e tão puro como foste
Gozar no Alto Empyreo refulgente
Do Ser Superno a Gloria immensuravel.

A Lisonja infernal verter não póde
Sobre a funerea Campa atroz veneno:
Gratidão, Amizade ali só fulge.....
E quem taes sentimentos tráz no peito,
Quem puras Leis, como estas, inda guarda,
Desculpa me dará:—e junto á Lousa
Onde os Restos repousam, que são charos
A' desolada Prole, ao terno amigo,
Dirá, calcando o infausto Vicio rude:
—Dorme aqui quem prezou sempre a Virtude!

SONETO.

Lá estoura o trovão, o ar negreja,
O relampago brilha, avermelhado;
O mar com furia brama encapellado,
E o raivoso Aquilão em ância arqueja.

O fuzil precursor no ar lampeja,
Do raio, que ao Mortal torna gelado....
Altivo peccador, eil-o prostrado,
Por Deus chamando então, p'ra que o proteja!

Onde fugir, Senhor, a teu castigo?!
Onde correr, meu Deus, para salvar-me,
Senão para Ti mesmo, e estar com Tigo?!!

Junto a teus Pés, Senhor, venho abrigar-me:
Soccorre-me, Pae meu! Ah! Sê commigo....
Protesto dos meus crimes emendar-me!

MOTE.

Analia, se me não amas,
Não me digas a verdade;
Finge amor, tem compaixão,
Mente, ingrata, por piedade.

GLOSA.

Com desvelada ternura,
Com desabrida paixão,
Meu sensivel coração
Entregou-se á formosura.
Mas o quadro da Ventura,
De Amor as sagradas chammas,
Se tu, meu bem, não inflammas,
Transmudando a minha Sorte.....
Dás-me a sentença de morte,
Analia, se me não amas!

He tão vivo o sentimento,
Que tenho por teu respeito,
Que todo o meu terno peito
He só de Amor alimento.
Não queiras, p'ra meu tormento,
Tractar-me sem piedade:

Se só me tens amizade,
Se esquivas teu coração;
Querida, por compaixão,
Não me digas a verdade!

Se me dissesses, querida,
Não ter por mim sympathia,
N'esse instante finaria
Minha tormentosa vida!
Não a tenho appetecida
Senão p'ra tua affeição;
Mas si he minha condição
Supportar tua esquivança;
Ao menos, como esperança,
Finge amor, tem compaixão!

Não digas que me aborreces,
Não digas que só me odêas;
Estas terriveis idéas
Matavam, se tal dissesses!
Dize só que me appeteces,
Embora por falsidade;
Mostra mais do que amizade,
Mostra amor, sê compassiva.....
A bem d'esta alma afflictiva,
Mente, ingrata, por piedade!

SONETO.

Eu, Marilia, não quero n'esta vida
As honras desejadas da nobreza;
Não appeteço nada da grandeza,
Nem aspiro tambem fama subida.

Não quero ver-me em casa guarnecida
Só de ricos festões, de lauta mesa:
Prestigio seductor da realeza
Minha alma desprezára, decidida.

Só quero, n'esta vida enganadora,
Bemdizer-te, Marilia, a formosura;
Marilia, a quem meu peito tanto adora!

Gozar ternos affagos de ternura,
Teus mimos divinaes a cada hora;
Com minh'alma enlaçar tua alma pura!

O DIA 25 DE MAIO DE 1844,

OU

A CATASTROPHE

DA BARCA DE VAPOR — ESPECULADORA [13].

Que scena pavorosa!
Esfalfado mortal, que na carreira
Dos teus mesquinhos dias
Tantos crimes forjaste!
Tanto, e tanto a innocencia perseguiste;
Olha, contempla, e treme!...

O Sr. A. G. Teixeira e Souza,
Cant. Lyr., t. 1.°, c. IV.

No meio de tristeza, espanto, e luto,
Inda cheio de horror, todo inda susto,
Da Lyra, que mal sôa, as cordas firo,
Desafinadas por cruentos males!
— O' Genio Tutelar da Dôr e Pranto;
O' Musa d'Afflicção e do Tormento!
Derrama sobre mim acerbo influxo,
P'ra que possa cantar choroso caso,
Inda recente nas memorias todas,
Inda causando mágoas, e pezares
Aos póvos consternados das cidades,

Que mais s'ergueram da bahia immensa,
A contemplar tão hórrido espectac'lo!

Mas, ah! que hum só arpejo não consentem
Arrancar da magoada e triste Lyra,
O complexo de males tão pungentes,
O quadro mais horrivel, que avistaram
As bellas plagas do sem pár Janeiro!

Tambem da fraca dextra, que vacilla,
Talvez apavorada, a penna escapa,
Fugindo de exarar crueis horrores;
A tinta se transmuda em vivo sangue!.....
Preoccupada a mente de amarguras,
Obriga a voz a desprender queixumes
Tão solemnes, de tão triste eloquencia,
Que partem corações, que dó não vertem,
E dilaceram peitos, que a piedade
Solícitos conservam dentro n'alma!

Do bulicio da vida, e dos trabalhos
Carece distrahir-se o Ente humano:
A rotação constante da existencia
Precisa lenitivo aos dissabores
Ligados sempre á sorte dos viventes,
Sem cuja distracção seria a vida
Mais dura, mais feroz qu'a propria morte.

Em aureola de sangue o Vinte e cinco
De Maio despontou!... Infausto Dia!

Que aos evos levará terrivel facto,
Baráthrea prole, parto só das Furias;
Posto que fosse o precursor d'aquelle
Em o qual todos os christãos celebram
A Terceira Pessoa da Trindade.

He vespera de festa; e todos querem
No campo desfructar placidas horas,
A constante fadiga aligeirando.
— Que sería do misero captivo,
Do enfermo, do indigente e do proscripto
Si dos seus dissabores e pezares
Alguma diversão jamais tivessem?! —

Risonha Nictheroy! Tu hes o fito
Onde espera o Mortal gozar contente
A mais pura e mais doce amenidade;
E, anhelando pizar teu fertil sólo,
A' barca s'encaminha immensa gente,
De prazer e de gosto alvoroçada.
No estreito convéz já se agglomeram
Beldades juvenis, homens vetustos,
O pae querido, a esposa idolatrada,
O terno filho, o irmão, o charo amante,
O soberbo opulento, o pobre escravo.

Inteiramente cheia estava a barca;
E muitos, inda em terra, anciosos ficam,
Que desejam fruir doces momentos

No seio das familias, e de amigos,
Nos amenos vergeis da grata Flora.

Soava o bronze, que marcado havia
A quinta hora da chorosa tarde,
Em a qual decretára injusta Sorte
Cruel transmutação, sinistra scena!
He tempo de partir: — O Mestre ordena,
Qu'á maquina fatal a acção s'imprima:
Parece que de susto a barca treme,
Convulsa geme afflicta, em som rouquenho;
E as salsas ondas retalhar receia....
— Ah! não sigas, lhe diz fero Destino;
Minha sentença, aqui, cumprir-se deve! —

Similhante ao Canhão, que ao longe trôa,
Envolvendo em pavor o campo imigo;
Ou qual vulcanea flamma, que de ha muito
Lá no centro da terra ardia oppressa,
E que sem já poder domar as furias
Da combustão feroz, o solo rasga,
Com hórrido estampido, que assemelha
Do Anjo a ingente voz estrugidora,
Que os mortos chamará de novo á vida
No dia da conflagração do Mundo;
Igual estrondo então se ouvio medonho,
Que o susto, e o terror breve encaminha
A' medulla dos ossos. — D'improviso
Furibunda explosão chammas vomita,

Cinzas adustas, e ferventes aguas,
Adurente vapor, lethal veneno,
Causando estragos, inauditos males!
— Os Elementos todos, n'este ensejo,
Contra frageis humanos se conspiram!!!—

O tétro fumo, que suffoca e mata,
E que rouba d'Apollo a luz fulgente,
Sómente deixa ouvir fortes gemidos
D'aquelles, qu'inda lutam entre as vascas
Da morte inopinada e desabrida.
Tudo era confusão n'este conflicto!...
Huns implorando estão — Misericordia, —
Outros pedem soccorro.... mas em balde....
O qu'escapa ao volcão, no mar perece!....
Das Parcas já são presas..... já não vivem.....
E os que restam feridos, brevemente
Hirão enfileirar-se nos sepulchros!

Da tarde as doces auras, que sopravam,
O fumo, pouco a pouco, dissiparam;
E quadro mais cruel que o torpe Averno
Aos Entes semivivos se apresenta.

— A minha penna trépida não póde
Descrever esse facto lastimoso;
E a mente assombrada, inda existindo,
Da medonha catastrophe, esmorece;
Meu sangue se converte em neve pura;

E faz crer qu'hei perdido a fraca essencia,
Que de viver me deu a Natureza! —

Do vapor a pressão, eis que se avulta....
A caldeira arrebenta, encandecida,
E, cheio de furor, ao longe a arroja [14],
Arrombando o convéz, causando a morte
A muitos, qu'inda ha pouco, satisfeitos,
Cheios de vida, só prazer buscavam!
A chaminé já tomba... o mastro estala...
Cahe o toldo, e as victimas suffoca!

No escuro logar, onde a caldeira,
Por intenso calor, fervia oppressa,
Corpos humanos jazem; de huns sem vida,
As carnes lhes desfaz agua qu'escalda;
E d'outros que á existencia inda não fogem,
São pelo fogo, os membros devorados!!

Lá ouço os ais magoados de hum que o braço [15]
Tem preso em baixo da fatal caldeira;
E unido ao metal, qu'em braza existe,
Tostando o corpo, para a morte segue,
No meio d'afflicções, d'acerbas dores!!...
— Tal nos barbaros seculos de sangue
Os viventes queimavam nas fogueiras! —

Outro n'agua fervendo existe immerso [16];
E da morte fugindo, em ferro ardente,
Se apega, e quer transpôr o fosso horrendo;

Mas em balde! que nova dor recresce!...
Despedaçam-se as mãos, e extenuado,
No abismo, de novo o corpo lança!
Faz hum ultimo esforço..... sahe do p'rigo,
Porêm quasi que ao Mundo não pertence.....
Em breve termo vôa á Eternidade!!

Cheio de confusão, e de surpreza,
Em se salvar sómente pondo o fito,
Huma victima, mais, se precipita [17]
Na cratéra infernal, que tem diante,
Onde as pernas fractura, o corpo fere,
Os membros deformando n'agua infecta!
Logo não pereceu o miserando!....
— A sensação vital foi conservada
Para sentir, quiçá, males sem conta,
E á Erébea prole ser restituido! —

Volto o rosto de horror! — Que crua scena
No mar ora se passa?! — Ali s'avistam
Velhos, crianças, homens, e mulheres
Mergulhados nas ondas, que sentidas,
De sangue a rubra côr então tomaram!
— A tétrica explosão, que os expellíra
Do mar no seio, ás victimas prepara
Ligeiramente o eternal jazigo! —

Ali luta o esposo a ver se livra
Da consorte fiel a doce vida!

A mãe abraça o quasi extincto filho ,
E n'agua vão sorvendo a dura morte!

O Amigo infeliz eis que diviso.... [18]
Ah! prestai-lhe soccorro: talvez possa
Inda a vida fruir por algum tempo.
Escapou do elemento; mas he tarde!...
Lá brada hórrida voz com som medonho:
—O teu fim prematuro está marcado;
Tua hora soou.... já não pertences
A' communhão dos miseros viventes!! —

Hum intrepido escravo a nado foge... [19]
Qual o fardo que leva junto ao seio?
Será d'aureo metal despojo rico,
Que revocar-lhe possa a liberdade?
Não por certo:—he thesouro inda mais charo
Ao que sabe ser pae. — São tenros filhos
De seu senhor, qu'a vida o escravo salva!
Olha como, nadando, os acautela
P'ra não serem das ondas presa infausta!...
Já illesos em terra os deposita,
Por esta acção, talvez, mais satisfeito,
Do que por ter tirado d'entre os mortos
A existencia pesada, mas querida!
— Saiba o senhor reconhecer tal feito:
De certo o saberá, que a prole adora. —

O qu'incolume está, prestes auxilio

Recebe, p'ra sahir do hórrido sitio,
Pois de prompto o soccorro eis que apparece [20];
E a quem o prestou seja outorgada
Eterna gratidão, sincera, e pura.

Termos fallecem, côres não existem
Com que possa pintar-se, ou descrever-se
O ensanguentado quadro que apresenta
O Asylo prestante, onde se acolhem
Quarenta e dous Mortaes, que da sinistra
Explosão lamentosa a mão tocára [21]!

—Si tens hum coração, que a mágoa sinta;
Si tens huma alma, á dôr sempre propensa;
Oh! não penetres no recinto acerbo!
Foge de ver o quadro mais tocante,
Que sobre a terra póde apresentar-se!
Mas ah! franquêa os penetraes d'angustia !!..
Não hesita hum momento: —eu te acompanho....
Eu que ha pouco tambem tirei a vida
D'entre as garras crueis das duras Parcas,
Por decreto insondavel da Natura;
D'Amizade o dever guia meus passos.....
He mister inda mais soffrer tal golpe,
Por esta provação passar ainda,
No crisol da Constancia inda apurando,
A doce sensação que os peitos liga,
E converge os Mortaes a hum grato centro,
Onde reside a Paz, onde a Virtude

Impéra sempre candida e sublime!
Iguaes direitos tens aos que conservo:
Não vacilles, Mortal; eia! não tardes.....
Sacros laços de sangue ali te chamam.....
Ali tens charo páe, o irmão, o amigo,
O desvelado esposo, o terno filho!
Vai as mãos apertar-lhes.... vai depressa
Terno beijo imprimir, no qual tu possas
Receber os seus ultimos suspiros!!!
— Inda hontem tão lédos, e fagueiros,
E hoje.... já não têm a humana fórma!!—

Qual frondífero, annoso, e altivo tronco,
Que o rígido machado ao chão lançára,
E a mão do agricultor fez com qu'em breve
Pelo fogo voraz fosse combusto;
Tal aspecto terrífico apresentam
Alguns dos miserandos pacientes,
Qu'em crua expiação victimas foram
Do facto mais atroz, mais espantoso,
Que o Rio em seus annaes ha consignado!

Novo quadro de lástima s'antolha!....
Nervoso calefrio se observa
Em todos os feridos, devorados
Por mais que ardente, e insaciavel sêde [22]!
Seus corpos 'stão chagados, de tal arte,
Que só pelo fallar são conhecidos!
Os brancos estão pretos, estes brancos...

Aquelle sem hum braço, este sem pernas;
Outro, sem ter feições, já mal respira,
E mui presto será frio cadaver!!
—Foi hum brinco cruel de Genio inferio,
Que só ri, prazenteiro, com lamentos!—

Para ao menos lenir a dor pungente,
Repara como cuidam desvelados
Os Filhos d'Esculapio, nos feridos [23].
Vê como apenas sôa a triste nova
Seus soccorros offertam, de bom grado,
Aos que d'elles carecem, n'este ensejo.
—Louvor merece acção tão meritoria;
Gratidão e louvor lhes sejam dados.—

Catastrophe horrorosa, e deshumana!
Que males não causaste n'hum momento?!
Ninguem zomba do teu poder funesto;
Toca a todos a tua avernal sanha!
—De Dardania não foi tão duro o estrago!!—

Perdeu a Patria cidadãos prestantes;
Os filhos perdem paes, estes os filhos;
Do irmão chora a irmãa fim desastroso!
O laço d'amizade, qu'inda ha pouco
Tam doce s'estreitava, existe roto!....
O amigo ali jaz inanimado!!
E do fido consorte a terna esposa,
Ligada aos orphãos, partes de sua alma,

Jazendo na miseria, e só provando
Os males que acompanham a desgraça,
A perda chorará eternamente!

Oh Destino fatal! Oh Sorte austera!
Quem derogar pudéra os teus decretos!
Ao afflicto Mortal sómente he dado
Encarar o presente: — a mais não passa
A Lei, qu'a Providencia lh'ha prescripto.

A luctifera scena, qu'hei descripto
Nos, sem cadencia, dissonantes versos,
Familias reduziu a pobre estado!
— Por longo termo o mal será sentido!...
E só para abrandar tal conjunctura,
Minhas lucubrações vos apresento
O' Entes Philantropos, que a Virtude
Illesa conservaes em vossos peitos.

Da Viuva infeliz, que o charo Esposo [24]
Perdeu no tormentissimo conflicto,
Tende piedade, soccorrei, vos peço!
Da vossa caridade ella he credora;
Pois de quatro innocentes rodeada,
O furor da indigencia já supporta!
Ajudai a manter os tenros filhos,
E a malfadada Mãe, que afflicta geme!....
Se sois paes, quando agrados distribuirdes,
A vossos tenros filhos, dae ouvidos

Ao pregão da penuria, que alto sôa,
Dos que perderam seu maior amparo!
Se sois filhos, esposos, e se tendes
Charos irmãos a mutuar caricias,
Lembrai-vos da Viuva desvalida,
Da Mãe sem meios, cujo pranto escalda
As faces do filhinho, quando o abraça,
Que tambem tem irmãos desventurados!

Da misera ao reclamo, presto ouvidos.....
Meu obolo tambem lhe cahe na dextra,
(Esmolando o viver de tantas vidas,)
N'este fraco trabalho que lhe offerto:
Mais não posso fazer: — Deus o conhece!

Qual náufrago lutando c'o a tormenta,
Huma taboa ella busca, ó Philanthropos!
Dai-lh'a: e que ella de vós receba a vida!.....
Quando não o real do triste Vate
Poderá só servir para a passagem
Do inflexivel barqueiro de Summano!!!

O' Impio, que na vida transitoria,
Da Fortuna ao fulgor, hum Deus te julgas!
Tu supplantas a triste humanidade!...
A traição, o veneno, o ferro e o fogo
Contra o teu similhante afouto empregas!!!
Raivoso qual leão, feroz qual tigre,
O homicidio, o roubo, os vicios todos,

De torpeza hum milhão, e de flagicios,
Sem temer que hes mortal, audaz pratícas!..
Sem te lembrar talvez, que muito presto,
Tua morte virá sellar teus crimes,
O teu nome manchando eternamente
De opprobrio, execração, d'infamia e tedio!!!

Contempla este painel; imprime n'alma
Este aviso do Céo. — Teme, ó tyranno,
O teu fim desastroso; e para sempre
Lá no Orco jazer tua alma impura!! —

O probo Cidadão, o Ente justo,
Que a Deus ama sincero, e as leis respeita,
He quem, em doce paz sempre vivendo,
Temor não póde ter da Morte austera,
No Mundo existe plácido e sereno;
E quando o termo tóca da existencia
Ao sepulchro não vai seu grato nome:
Memorado na terra eterno vive!

— Ao Bárathro profundo o Crime voa:
Sómente he perennal Sacra Virtude! —

SONETO.

Nasce em verde botão a linda rosa,
A mão da primavera a vae abrindo;
De brilhante carmim se revestindo,
Pouco a pouco, se mostra mais formosa.

Ei-la perfeita em fim, tão graciosa.....
Mas ah! que o feroz Tempo a presentindo,
Cruel, por fado seu, só destruindo,
Murcha, acaba por fim, a flor mimosa!

Tal he, minha Marilia, a formosura!...
Respeita o Tempo, e foge da Vaidade;
Teme o negro painel da Desventura!

Graças, belleza, encantos, mocidade,
Tudo se extingue; e tão sómente dura
— Razão, Virtude, Fé, doce Amizade!

AO MEU AMIGO E COLLEGA

O SR. MANUEL ANTONIO FERREIRA DA SILVA,

Por occasião de ler o seu poema intitulado:

O DIA 25 DE MAIO DE 1844,

OU

A CATASTROPHE DA BARCA DE VAPOR — ESPECULADORA.

« Messager! Messager! qui parcours la campagne,
Et qu'un brouillard de mort par les prés accompagne,
Ton bras est vigoureux, ton pied sûr et léger;
Songes-tu qu'à son tour, messager! messager!
Il doit broncher aussi contre la fosse obscure
Où l'immonde bétail en fera sa pâture?

M. J. Olivier.

Tu, que agora empunhaste o alaúde,
Sentido Bardo, nuncio de desastres,
Mal sabes que teus dias são contados
Talvez no fusco livro dos Destinos.
Vem, Bardo, vem comigo.—Aquella rosa,
Mimo dos prados, que formosa offerta
Seu nectar, seus encantos; essa rosa,
Que os zephyros afagam, dentro em pouco
(Olha: nuvens de fogo se agglomeram

Do lado da montanha) dentro em pouco
Jazerá sem fulgor, murcha, por terra....
Assim nossa existencia, assim fenecem
As nossas esperanças. — Copiosas
Verti lagrimas, Bardo, ao ler teus versos,
Que acerbas reflexões me suscitaram!
— Ninguem, a não ser Dante, descrevêra,
Como tu, negro caso, obra de Erinnys. —

Por José Nicola'u da Costa Ferreira.

SONETO.

AO SEMPRE FAUSTO E MEMORAVEL DIA

SETE DE SETEMBRO DE 1844,

Vigesimo terceiro Anniversario da Independencia do Brasil.

Embora seja a vida transitoria,
Embora morram os humanos feitos,
Transpondo as eras, a calcar despeitos,
Será hum Dia eterno em nossa historia!

Ao som dos hymnos da eternal victoria,
Se esquecem partidarios preconceitos;
E repartida por Brasileos peitos
Do Ypiranga s'inflamma ingente gloria!

Aos olhos sóbe de prazer o pranto
Ao vir á mente, cheia de energia,
A lembrança que fórma o nosso encanto!

Reina por toda parte alma harmonia;
E parece soar, em doce canto:
—Exulta, ó Patria chara! Este he Teu Dia!!—

EPIGRAMMA.

Para a vida de—tratante
Tem Jonio tal vocação,
Que temo venha acabar
Em — caixeiro de leilão. —

SONETO.

Tormento mais feroz não póde o Fado
Impôr, com dura lei, a outro amante!
Eu amar-te, meu bem, sempre constante,
Adorar-te, por fim, sem ser amado?!!

Quantas ingratidões, já supportado
Não tem meu coração agonisante?!
Ah! repara, cruel! que n'hum instante,
Tu podes meu destino ver mudado!

Não te esquives a Amor; tem piedade
De quem morre por ti, de quem te adora:
Não me trates com tanta crueldade!

Não zombes da paixão que me devora!....
Perpetuando a minha inf'licidade,
Mil tormentos me dás em cada hora!

EPICEDIO.

Á SENTIDA MORTE

DO MEU PREZADO AMIGO

O SR. JUSTINIANO DE VARGAS E FARIA,

Fallecido em 17 de Setembro de 1844.

Multis ille bonis flebilis occidit.
HORAT.

—Sumiu-se em seu occaso hum astro bello!
O digno de chorar-se os homens chorem!—

Onde as glorias do Mundo, onde seus faustos,
Aonde a f'licidade, a pompa, a dita,
Si a candida Virtude em flôr cortada,
Volvendo a immundo pó da sepultura,
Deixou em breve o Mundo, em breve a vida?!
— Sumiu-se em seu occaso hum astro bello!
O digno de chorar-se os homens chorem! —

Astro formoso, despontaste alegre
No horisonte de Amor do Céo da honra!
Pelo Céo da Virtude fulgurante
Sempre em tua ascensão galgaste ingente,
Té o meridiano de teus dias,
Sem te a face nublar furtiva sombra,
Sem enlutar teu Céo medonha nuvem

De procella hyemal, prenhe de horrores!
Brilhante, qual nasceste, assim brilhante
Descendeste do pincaro da vida!
Pelo Céo da Virtude tu galgaste,
Pelo Céo da Virtude tu desceste!
E ainda rutilante em teu occaso,
Em teu ultimo anhélito de vida,
Em tua alma brilhava o raio extremo,
Ultima chamma que a louçãa Virtude
De sobre a margem da fugente vida
Dardeja sobre as ribas do sepulchro,
Mandando almo clarão de luz celeste
Aos immensos umbraes da Eternidade!
—Sumiu-se em seu occaso hum astro bello!
O digno de chorar-se os homens chorem!—

Entre os torvos combates da existencia,
E os cachopos da vida transitoria,
Passou tua alma illesa, franca, e pura,
Sem o menor motivo a alheias queixas,
Sem o menor motivo a queixas proprias!
Nem a Fortuna pôde assoberbar-te,
Nem a Desgraça pôde envilecer-te!
Virtudes de Platão, alma de Socrates
Partilhaste do Céo, em dom sagrado!
Viveste tão feliz, como nasceste;
Morreste tão feliz, como viveste!!
—Sumiu-se em seu occaso hum astro bello!
O digno de chorar-se os homens chorem!—

Chorosa Esposa, inconsolavel Prole,
Tristes Amigos, miseros Parentes,
Em torno de seu féretro sombrio
Deixai, deixai correr magoado pranto,
E com saudosos ais rompei os ares!!!
Chorai muito, chorai pranto de sangue,
Entre suspiros de abrasado fogo!
Os Céos assoberbai com terno pranto,
E com suspiros escalai as nuvens!
Chorai muito, chorai pranto de sangue,
Pedi de novo aos Céos o bem perdido!
Importunai o Céo com ternas preces,
Pedi muito, pedi tão charo Esposo!
Hum Pae, como elle foi, pedi mil vezes!
Pedi muito, pedi tão doce Amigo!
Hum parente, qual foi, pedi sem termo!
O Céo de ternas preces não se offende....
Pedi muito, pedi tão chara prenda!
Chorai muito, chorai pranto de sangue!...
— Sumiu-se em seu occaso um astro bello!
O digno de chorar-se os homens chorem! —

Pedi muito, pedi tão chara prenda!
Chorai muito, chorai pranto de sangue!.....
Mas em balde serão férvidas preces,
Inutil correrá pranto tão terno!...
Ah! nem pranto de sangue, ou ais de fogo
Abrandarão as duras leis da Morte,
Escalarão a penha do sepulchro!

Constante gemerá terna saudade;
Porêm debalde, por que as leis da Morte
Ferrenhas, immutaveis, são eternas!
—Sumiu-se em seu occaso hum astro bello!
O digno de chorar-se os homens chorem!..—

Mas que vejo! Oh assombro! Oh maravilha!
Por entre raras, transparentes nuvens
Cometa bemfeitor nos ares brilha!
Com benéfica luz lucitremendo
Entre os astros scintilla, e corre os Mundos,
Que eternos sulcam a campina ethérea!
Eil-o que se remonta alem dos astros...
Sumiu-se para o Céo!... He elle... he elle!..
O' Alma virtuosa, ao Céo te arrouba!....
Si na terra de Justo o nome tinhas,
Cinge dos Justos a brilhante Auréola!
Louva sempre ao Senhor, nos Céos escuta
Suaves cantos, em louvor perenne!....

Chorosa Esposa, inconsolavel Prole,
Tristes Amigos, miseros Parentes,
Exultai, entre jubilo celeste!
— A luz do Astro para o Céo volveu-se!
O digno de cantar-se os Anjos cantem! —

SONETO.

AO MESMO ASSUMPTO.

De que serve de hum Rei poder ingente,
Flagellando a cançada humanidade?
Que valem o esplendor, e a magestade
Do Despota oppressor, sempre inclemente?!

A Morte, a Morte crua põe patente
O nada da existencia, e da vaidade:
Do Rei, e do Pastor mostra a igualdade
Do sepulchro na lousa paciente!

Porêm com tigo, ó Justo! a Parca dura,
Do Pae, do terno Amigo, e charo Esposo
O nome não fechou na sepultura!

Serás sempre na terra mui saudoso.....
E, qual foi tua vida, sempre pura,
Desfructarás no Céo doce repouso!

SONETO.

AO MESMO ASSUMPTO.

De fulgor, e de fausto rodeado,
Julga o Tyranno eterna a vida ingloria;
Nem ao menos conserva na memoria
Ter quasi da existencia o fim tocado!

Mas hum Ente, qual Justo, sempre amado,
De viver eis que ganha alta victoria;
Propicia fama, nunca transitoria,
Sobre a terra o fará sempre lembrado.

E agora, que cumpre a lei tremenda,
Supportando a voraz fouce da Morte,
Fido Amigo lhe grava esta legenda:

« Aqui jaz terno Pae, charo Consorte;
» D'Amizade trilhou constante a senda,
» Só Virtude, e Razão tendo por norte! »

OITAVA.

AO MESMO ASSUMPTO.

D'Amizade pagar altos portentos,
Não o posso fazer, ó charo Amigo:
Sómente acerbos ais, tristes lamentos,
E lagrimas, offerto em teu Jazigo!
A demonstrar teus raros sentimentos,
E eximias virtudes, não prosigo.....
Mas basta ler-se n'esta Campa fria:
— Justiniano de Vargas e Faria! —

SONETO.

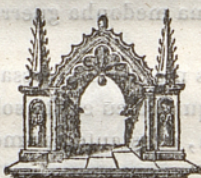
Que procellosa noite se avizinha!....
O mar acapellado s'enfurece!...
Lá estoura o trovão, e mais recresce
A chuva, que no seio a nuvem tinha.

De Jove a pura dextra não detinha
O raio, que fulmina, e desparece;
E sem que nos Mortaes o medo cesse,
Tudo a causar horrores s'encaminha!

Meu triste coração, que mágoa encerra,
Mais esta acerba dôr inda supporte,
Dos elementos na medonha guerra!

De tormentos me dar não cessa a Sorte!....
Quer, qu'em quanto eu exista sobre a terra,
Sem que morra, constante dar-me a morte!!

EPIGRAMMA.

Frei Jonio foi Guardião,
Foi Provincial, com gana....
Se fôr Syndico... oh que mina!...
Dá c'os Frades em pantana!!!

SONETO.

Á SUA ALTEZA IMPERIAL

O SENHOR D. AFFONSO PEDRO,

Por occasião de ser reconhecido — PRINCIPE IMPERIAL — pela Assembléa Geral Legislativa, no dia 6 de Maio de 1845.

Parabens oh Brasil! Surgiu o dia
Desde ha muito por todos desejado:
De PEDRO o Filho, o Principe adorado
Firma em teu solo a nova Monarchia!

O Deus que nos protege, e nos vigia,
O Joven charo AFFONSO nos ha dado:
Eil-o — PRINCIPE IMPERIAL — já proclamado....
Parabens, oh Brasil! Surgiu o dia!!

Sua fama ha de ser sempre altaneira:
Descendente de Heróes, Heróe mais forte,
Padrão de gloria á Patria Brasileira!

Já he da Liberdade ingente norte;
E decantado pela terra inteira
Será seu Nome, em perennal transporte!

SONETO.

AO MESMO ASSUMPTO.

Inda bem não firmado o novo Solio
Do Brasileiro Imperio Americano,
Sanhudo Despotismo altivo, ufano
Formava co'a Discordia hum capitolio.

Do seu medonho livro eis qu'abre o folio:
Contra o Brasil conspira audaz, tyranno:
Este, prevendo o mal, e o certo damno,
Ao alto Jove offerta o seu espolio.

As preces do Brasil o Nume encara:
Do Despotismo atroz as furias doma;
E lavra esta sentença ingente e rara:

« Terá Affonso Excelso, qu'ora assoma,
» Mais nobre fama, gloria mais preclara,
» Maior do que as de Tito outr'ora em Roma. »

CANTICO FUNEBRE.

AO DIA 25 DE MAIO DE 1845,

Primeiro anniversario da horrivel catastrophe do vapor — Especuladora. — Huma lagrima vertida á memoria do meu prezado Amigo Domingos Pinto de Oliveira Sampaio.

Morrer..... morrer..... Quem sabe o que he a morte?....
Porto de salvamento..... ou de naufragio!....
E a vida?.... hum sonho n'hum baixel sem leme.....
Sonhos entremeados de outros sonhos,
Prazer qu'em dôr começa, e em dôr acaba!

O Sr. Magalhães, *O Poeta e a Inquisição*, tragedia.

Como correm os tempos! Como voam
Os dias prazenteiros!
Mas os dias amargos passam lentos,
E nem os tempos apressal-os podem!!!

As desgraças, os factos, que horrorisam,
No peito são gravados, qual no bronze
Abre o duro buril letras, que attestam
Ás futuras edades
Os feitos d'hum Tyranno,
Ou as virtudes do Varão preclaro!

Como correm os tempos! Como voam
Os dias prazenteiros!
Mas os dias amargos passam lentos,
E nem os tempos appressal-os podem!!!

Sôa o bronze sagrado!
Porque de dó vestidos tantos vejo,
Que aos cancellos dos Templos s'encaminham?
Será hoje esse dia
Em que a Religião Santa consagra
Aos devotos fieis, para que órem
Por alma dos finados?
Mas não! elle não he; pois de Novembro
O segundo girar inda vem tardo!...
E quem sabe, de quantos hoje encaro,
Essa manhãa chegar já não verão,
Nem o seu sol luzir no firmamento!!
Ah! eu mesmo, talvez,
Que pensativo traço hoje estas linhas
Dictadas pela dôr, pela tristeza,
Onde he que me acharei?!—Tudo he vedado
Aos miseros humanos,
Quanto encerra o futuro!—
Seus arcanos o tempo só demonstra:
Oh! quem prévio pudéra conhecel-os!!

—Ah! Se o homem pensasse
O que era a vida, o que seria a morte,
Talvez manchar a terra não fizessem
Os Néros e Caligulas!—

Tudo de rojo leva o Tempo avaro;
O Vicio, o torpe Vicio o Tempo apaga;
—Só Virtudes o Tempo não consome,
Só ellas he que passam
Ás edades por-vir,
Depurando as Nações, e os Reis do Mundo.—

Que luz ora me fere?!
Acaso eu existia
Immerso em profundissimo lethargo?
Ou se varreu da idéa aquelle infausto
Vinte e cinco de Maio,
De lúgubre memoria,
Em que a cratéra d'um volcão horrendo
Vi abrir-se a meus pés; onde combustos
Tantos filhos e paes, tantos consortes,
Tantos amigos foram; e entre elles
Aquelle, que hoje as lagrimas m'excita?!!....
Não podia, por certo,
Olvidar-me de quadro tão pungente;
Nem da memoria, em quanto existir, posso
Apagar este caso lastimoso!
Apenas, por momentos
Eu quizera afasta-lo; mas em balde!
Sobre o meu coração
Elle pésa constante,
Qual globo ingente de mercurio vivo,
Ou barra enorme de pesado ferro!
No meu peito elle abriu profunda chaga,

Que a campa fechará, quiçá bem presto;
Por que só no jazigo
As lembranças s'apagam d'amizade!!

Como correm os tempos! Como voam
Os dias prazenteiros!
Mas os dias amargos passam lentos,
E nem os tempos apressal-os podem!!!

Eil-o chegou o primo anniversario
Da fatal explosão, qu'inda m'assusta,
Que pareço inda ver cortando a vida
A sessenta e oito Entes,
Se mais não foram elles;
Porque a sua mão devastadora
Tocou a maior numero de victimas!

Orai ante os Altares,
Por alma dos finados!!...
Chorai, chorai! que o vosso pranto he justo:
— O pranto he o consolo dos viventes
A' memoria dos mortos! —
Rogai a Deus que os tenha em Santa gloria:
A oração he sempre
Do Omnipotente aceita;
Depois d'ella, sentimos mais allivio
Nas nossas duras, e pungentes mágoas!

Seja-me hoje licito
Rememorar tal caso, e unir-me a tantos,

Que perderam seus pais, e seus esposos,
Seus mais charos parentes!
Ante os Altares offertar meus votos,
Minhas preces humildes:
Hir sobre a lousa derramar meu pranto,
Sobre ella desfolhar, cheio de mágoas,
Perpétuas e saudades,
Do Amigo á memoria;
Ao mui charo Sampaio, que ali dorme,
Sem que jámais acorde
D'esse profundo somno, embora o chamem
Todas as vozes dos mortaes unidas;
Embora ensope suas cinzas frias
O mais acerbo pranto!
E a dor mais excessiva, e mais pungente,
Com ais, e com lamentos,
Faça tremer a estancia dos sepulchros!
— O poder dos Tyrannos,
Do Universo a riqueza agglomerada,
Tudo quanto revela a Natureza,
Da Morte as ferreas leis vedar não podem!!! —

Como correm os tempos! Como voam
Os dias prazenteiros!
Mas os dias amargos passam lentos,
E nem os tempos apressal-os podem!!!

Porêm, já que não posso,
Charo Sampaio, á vida revocar-te,

Recebe esta oblação sincera e pura,
Só filha d'amizade
D'aquelle, que na terra inda deplora
Tua morte fatal, e desastrosa;
D'aquelle, que em seu peito
Constante te trará, em quanto a Parca
Não lhe cortar a tormentosa vida!

Mas, oh Religião! Tu m'illuminas......
Já, com vista de lynce, eu vejo, eu vejo
Nova Estrella luzir no Firmamento,
Que benéfica luz á terra manda!!
He tua alma, Sampaio, que refulge
Na Mansão do Senhor!
Emanaram do Céo tuas virtudes;
Tuas virtudes para o Céo subiram!

Ah! goza lá no Céo eterna gloria,
E na Terra fiel, doce memoria!

SONETO.

O Ente, que se vê favorecido
D'essa da Dita ingente potestade,
Zomba logo das leis da humanidade;
Ver só quer a seus pés outro abatido.

Mal se julga assentado em throno erguido,
Demonstra, ufano então, louca vaidade!.....
Mas ah! bem cedo, o grito da Verdade
Insano Orgulho volve em pó vertido!!

A Morte não respeita o Soberano:
Infallivel cumprindo a missão dura,
Apraz-lhe só saber quem he humano!

Todos conduz á mesma sepultura:
Ali cessa a vaidade, o vil engano;
Só revive a Virtude sacra, e pura!

EPIGRAMMA.

Dialogo entre Armindo, e Elmano.

ARMINDO.

Elmano, — constantemente
Jonio de ti falla mal:
..... Nenhuma razão encontro
No seu odio figadal.

ELMANO.

Deixa, Armindo, ao zero Jonio
Verter seu fel peçonhento:
— O que mais, alem de hum couce,
Póde dar magro jumento?!

SONETO.

AOS ANNOS

DO MEU AMIGO E COLLEGA

O SR. JOSÉ URBANO DE CARVALHO,

Em 25 de Maio de 1845.

Não he só espargindo hum vil thesouro
Que se demonstram provas de bondade;
Nem sempre das riquezas a vaidade
He das virtudes o mais verde louro.

Eis porque minha Musa, sem desdouro
Hoje invoco, que tenha amenidade,
E deponha ante as aras d'Amizade
Este voto sincero, e bom agouro:

« Junto da Illustre Prole, sem ter damnos,
» Servindo á chara Patria, honrando a Historia,
» Gozes lustros de paz, Nestorianos.

» Seja sempre da mais alta memoria
» O portentoso dia dos teus annos;
» Teu nome passe illeso á eterna gloria. »

MADRIGAL.

A paz fruindo, isento dos grilhões,
Que costuma empregar o Deus vendado,
Para prender os livres corações,
Eu vivia tranquillo e socegado.
Zombava, sem temor, d'esses farpões,
Com que Cupido o Mundo ha conquistado:
Mas ah! que de Josina os olhos vejo.....
Ser escravo de Amor, prestes almejo!

SONETO.

OFFERECIDO

AO ILL.mo SR. ANTONIO LUIZ DOS SANTOS LIMA,

POR OCCASIÃO DO SEU FELIZ CONSORCIO

COM A

ILL.ma SRA. D. MARIA LUIZA DE GUSMÃO,

No dia 23 de Junho de 1845.

Surge Apollo mais bello e mais fulgente,
Precedido da bella, e meiga Aurora,
Conduzindo aos vergeis d'amena Flora
De Junho o vinte e tres, fastoso, ingente!

Ao nome festival, nome luzente,
Que huma vetusta edade lhe vigora;
Inda mais hum brazão recebe agora
Neste hymeneu preclaro, e florescente!

De Aonio circunspecto a san carreira,
E de Marcia a virtude sublimada,
Ao consorcio trarão vida fagueira!

Sua fama jamais será manchada;
E terá este Par na terra inteira
Renome perennal, gloria invejada!

SONETO.

AO MESMO ASSUMPTO.

Não decanto brazões, nem altos feitos
D'esses heróes que a terra escravisaram;
Nem meus labios jámais pronunciaram
Versos, que fossem da lisonja aceitos.

A minha alta missão, os meus conceitos
Sempre á Virtude só se dedicaram;
E sómente com ella partilharam
Da sagrada Amizade os sãos preceitos.

Por isso, a fraca Musa hoje invocando,
Sómente em pró de ti, Aonio charo,
O teu doce hymeneu vou decantando.

De progenie gentil ramo preclaro,
Inda mais tua dita sublimando,
Aos évos levará teu nome raro!

SONETO.

AO ILL.[mo] SR. JOÃO GOMES XAVIER,

Por occasião do feliz Consorcio de sua prezada Filha, a Ill.[ma] Sra. D. Maria Luiza de Gusmão, com o Ill.[mo] Sr. Antonio Luiz dos Santos Lima, no dia 23 de Junho de 1845.

He fraca a minha voz, he malsoante
Para feitos cantar com galhardia;
E nem posso, da mais justa alegria,
Derramar o fulgor vivificante.

Porêm Illustre Gomes, n'este instante,
Calar-me talvez fosse covardia;
Devo, ao menos, traçar tua valia,
Teu merito sem par, raro e prestante!

Amigo sem igual, Varão honrado,
Hes, ó Gomes, sincero, e verdadeiro,
Terno pae, bom esposo, irmão prezado!

Teu Destino he por certo lisongeiro!....
E fruindo tão bello e doce estado,
Applaudido serás no Mundo inteiro!

ODE.

Fortunatus et ille, Deos qui novit agrestes.
VIRG.

Mal dos paços da Aurora, o magestoso
Fébo se ausenta, no fulgente carro,
Para esplendida luz trazer ao Mundo,
Alma vida espargindo;
Já na verde campina, a passos lentos,
Aligeiro meus males,
O canto ouvindo das sonoras aves,
Em doce saudação ao bello Dia.

Entre mil reflexões, eu considero
Esse matiz das flores, que com graça,
Em plano esmeraldino reclinadas,
Esparge a Diva Flora!
Igual contemplo então, como brilhante
Se mostra de mil côres
Redesinha de orvalho matutino,
Á luz nascente da manhãa serena!

Junto á ribeira d'este ufano rio,
Que na corrente as aguas precipita
Por entre grossos, descarnados seixos,
E apressurado foge,
Descançarei hum pouco, e admirando
A enorme cachoeira,
Que d'alterosa serra se despenha,
Formando de cristal transversa abobada!

No pinac'lo do monte, annosos troncos,
Despojados da seiva, e da verdura,
Emblemam a tardia ancianidade;
E a seu lado, vegetam
Mil florescentes arvores, que mostram
A louçãa juventude,
E o transumpto perfeito da existencia
Da afadigosa, e triste humanidade!

Sincero Agricultor, desperto ha muito,
Ao diurno trabalho se encaminha:
Não encerra no peito atroz veneno
Do cortezão soberbo!
No rurículo tráfego, pensando,
Ao modesto aposento,
Bem tranquillo, no fim do dia, volta,
Simples, ingenuo, como a Natureza!

Quanto he risonho o quadro ! oh! como encanta
Essa vida do campo, tão fagueira!....
Por toda a parte vê-se a mão do Eterno
Derramando, propicia,
Abundancia, prazer, amenidade!
Ali, longe da intriga,
Desfructa o Agricultor a paz celeste,
Sem temer da Discordia avernal sanha!

O franco Agricultor jamais encara
Da pallida Indigencia a face austera;
Sem vexames soffrer, vive abundante.
O terreno fecundo
De cereaes lhe offerta immensa cópia:
O prolífico gado
No trabalho o ajuda, e o alimenta.....
Em repouso, da vida alonga o termo.

As arvores frondentes, tão vistosas,
Curvadas sob o peso de seus fructos,
Os dons de Céres próvida, apresentam!
O boi laborioso;
O cavallo prestante, e velocipede;
Os animaes diversos,
As domesticas aves..... tudo..... tudo
Faz do Campo a mansão da F'licidade!

No mar acapellado dos Governos,
Entre syrtes, cachopos naufragosos
D'essa infrene ambição, que as almas rala
A medonha Politica,
(Horrivel monstro, que arrojou á terra
N'hum jacto de furor,
E cheio de afflicções bramindo, o Averno;)
Honrado Agricultor, illeso passa.

No Campo ha só verdade, e singeleza;
He tudo natural, tudo he suave.....
O Vicio torpe, o furibundo Egoismo
Habitam nas Cidades.
Alegre o Agricultor, tranquillo existe,
Immensos bens gozando! . . .
Céres lhe outorga á vida transitoria
A Paz, a Honra, a Liberdade, a Gloria!

SONETO.

OFFERECIDO

Á ILL.ma SRA. D. FRANCISCA MARIA DA GLORIA,

NO DIA DOS SEUS FELIZES ANNOS,

Em 15 de Agosto de 1845.

Eis que assoma brilhante, e lisongeira
Tua Aurora Natal, bella Francina;
E o Nume, que teus annos predestina,
Te concede tambem glória fagueira.

Sempre placida, meiga, e prazenteira
Tua Estrella se mostra, e não ferina;
E co'a ditosa luz, que te illumina,
Demonstra qu' hes Consorte verdadeira.

Os teus dias, Francina, são marcados
Nos annaes do Universo, entre os humanos,
Como instantes de paz afortunados!

Sem que soffras jamais acerbos damnos,
Serão sempre na terra memorados
Teus primorosos, doces, charos annos!

MADRIGAL.

Embora a vil riqueza, o Avarento
Conserve em ferreas arcas, mui guardada,
Servindo-lhe sómente de tormento,
Tornando-lhe a existencia mais pesada.
Não ponho em tal fortuna o pensamento,
Nem aspiro igual sorte desgraçada :
Só na terna Josina doce e pura
Contemplo gloria, amor, alta ventura !

SONETO.

Teu gesto divinal, tua franqueza,
Fizeram vacillar meu coração;
E renascendo em mim terna paixão,
Promptamente espancou minha tristeza.

Inda que o Fado meu mostre crueza,
Lançar não ha de em ti a ingratidão;
Pois quando Amor se liga co'a Razão,
Sómente impéra a lei da Natureza.

Bastou apenas ver tua beldade
Para que, sem temor, em tal ensejo,
Do meu peito te désse a liberdade.

Possuir-te, ó Josina, eis o que almejo;
Formar comtigo a mais doce unidade:
N'isto se funda todo o meu desejo.

ODE.

AOS FELIZES E FAUSTOS ANNOS

DO ILL.mo E EX.mo SR.

SENADOR DO IMPERIO

BERNARDO PEREIRA DE VASCONCELLOS,

EM 27 DE AGOSTO DE 1845.

Hic dies verè mihi festus atras
Eximet curas.....
HORAT.

De galas festivaes, de galas puras,
Sempre se adorna ufano e prazenteiro
De Agosto o — Vinte e sete, ingente Dia!
Parece que a Natura
A elle ha concedido
Sublime dom celeste, encanto raro,
Que o fará celebrado,
Em quanto sobre os polos gire a Terra.

Não trato dos Heróes, que ambiciosos
As campinas juncaram de cadav'res,
E fizeram verter ondas de sangue:
Meu Estro não memora
Os males dos humanos;
A minha dissonante, e tosca Avena
Tem mais nobre missão,
Feitos mais altos só cantar pretende.

Não vegeta a lisonja infanda, impura;
Jamais a vertem labios da verdade;
Porêm hum Ente grato não se exime
De apresentar, humilde,
Respeitoso, e sincero,
O fraco esboço, que demonstra os feitos,
Nunca assás decantados,
D'aquelle que engrandece e adora a PATRIA!

Do Varão Illustrado o Natalicio
He sempre p'ra o Brasil d'eximio preço:
No solo de Cabral, no Novo Mundo
Perenne ha de existir
Esse nome famoso,
Que afouto, o Despotismo hórrido, aterra,
Que ampara a — LIBERDADE!...
E qual o Heróe prestante?! — He VASCONCELLOS!

Soou seu nome, e basta; — eis que já vejo
Respeito, e adoração por toda a parte! —
Seu Natal olvidado jamais passa
Na carreira das éras;
Sua memoria existe
Desde onde Fébo ardente a terra queima,
Té a zona gelada,
Á qual seus raios temem de chegar-se.

Quando a Inveja voraz, quando a Cobiça,
De vesgos olhos, furibundos dentes,
Furtivamente para elle encaram,
Hum leve aceno só,
Hum volver de seus olhos,
Fazem com que de susto espavoridas,
P'ra as lòbregas cavernas
Cheias d'espanto, apressuradas voltem!

Si o acommette a torva enfermidade,
Quando mais se tornava necessario
Para da Patria assegurar os fóros,
Eis que Jove Supremo
Faz lenir suas dores;
E, como por encanto guarecido,
Eil-o já na Tribuna
Sustentando do Povo a — Liberdade!

O Heróe, que hoje a Musa harto m'inflamma,
Tem visto Apollo na luzente esphéra
Cincoenta vezes concluir seu giro:
Mas ah! que n'este prazo
No volver de dez lustros,
Que de acerbos momentos não soffrêra!!....
Porêm, oh! quantos louros
Não tem ganhado d'immortaes victorias?!!

N'este termo festivo, e primoroso,
Em que teus dias são commemorados,
Varão Egregio, á PATRIA sempre charo,
Illustre VASCONCELLOS!
Aceita, com brandura,
Esta offerta sincera de amizade,
D'aquelle, que almejára
Ter voz Divina p'ra cantar teus Annos!

Mau grado a mão do Tempo o bronze gaste;
Mau grado a Parca dura as vidas córte;
Mau grado Imperios mil ao nada tornem:
Teu nome ha de existir,
Sempre illeso, e preclaro,
Em quanto hum só mortal viver no Orbe.
Si o Mundo fôr eterno,
Eterna existirá tua alta glória!

SONETO.

AO SEMPRE EXCELSO E MAGESTOSO DIA

SETE DE SETEMBRO DE 1845,

Vigesimo quarto Anniversario da Independencia do Brasil.

Tres-sec'los, vinte dois annos adustos
Tinham passado em males luctuosos;
Tempos, para o Brasil, calamitosos,
De oppressão, de injustiças e de sustos.

Eis do primeiro Heróe, braços robustos
Lançam por terra os ferros vergonhosos:
Põe termo o Fado aos dias pavorosos,
E começa o reinado dos Augustos!

Erguendo-se o Brasil, arranca a venda,
E fitando, ufanoso, hum novo norte,
Trilha da Liberdade a nobre senda!

Assim, mudada do Brasil a Sorte,
Grava nos seus padrões, como legenda:
Triumpho á Patria! Independencia, ou Morte!

SONHO.

Sanabilibus ægrotamus malis; ipsaque nos in rectum natura genitos, si emendari velimus, juvat.

SEN.

Fatigado dos males, que constante
Supporto, humilde, em meu penoso estado;
Jazendo em afflicções, e só provando
Os rigores da mais rígida Sorte:
De contínuo a penar,
Do peito a fraca voz, eis que desprendo,
Com penetrantes ais enchendo os ares,
E, em triste soliloquio, assim exclamo:

— Basta, basta de dôr, e de agonia,
Basta já de tormentos!
Venha, ao menos, huma aura animadora
Bafejar de meus dias luctuosos
A tenra primavera! . . .
Ah! suspenda o Destino o ferreo sceptro,
Qu' empunha, inexoravel
Para dictar-me a lei austera e dura!
Nem o pesado somno

Em meu soccorro vem
Olvidar, por momentos, minhas penas,
Os meus males acerbos!!..

Qual o Sol no horizonte espanca as trevas,
Assim a Desventura
Meus olhos jámais fecha,
Constantemente lagrimas vertendo,
Por tantas amarguras!!...
E si acaso Morpheu audaz, se atreve
Em torno voltejar, roçando as azas
No meu desalinhado e tosco leito;
Eis que as Furias do Orco s'embravecem,
Contra mim se conspiram!
E, em vez de gozar somno tranquillo,
Expellem tão sómente horridos sonhos,
Mais crueis, mais infandos;
Do que o meu padecer
No meio do clarão da realidade!!!

Como viver n'hum pélago de angustias?
Como não demonstrar, com voz magoada,
O triste quadro que, mau grado, encaro?!!
Onde a honra, o valor, a primazia,
O puro acatamento á san Virtude,
Ao merito, ao talento,
E á heroicidade?!..
Tudo volveu ao tumulo!... —Só resta
A venal, e atroz, baixa Cobiça!! —

Já Fébe, em pleno rosto, havia ufana,
Em perpetuo girar, quasi tocado
As portas do Occidente;
Eis que do meu soffrer, compadecido,
Morpheu propicio veio em meu soccorro:
Com hum ramo tocou-me
De somnífero arbusto:
De prestes eu volvi a esse estado,
Que somno se appellida, e que da Morte
He, quiçá, sem diff'rença, a véra imagem.

Inda bem não cerradas
Minhas palpebras tristes,
Deslumbrante clarão me fere a vista,
E sons melodiosos
A minha alma confortam!
De tão grata harmonia a causa inquiro....
E entre nuvens diafanas, descubro,
Para mim caminhando,
Portentoso Varão, de aspecto egregio.
Hum vestido talar, do qual a alvura
Excedia a da neve,
A cintura, apertava
Hum firmal de rubins, e de brilhantes.
A fronte magestosa lhe cingiam
Dois ramos auri-verdes;
E na dextra, outro ramo de oliveira,
Demonstrava que, á Guerra sanguinosa
O assenso não dava.

O seu rosto encarei
Tão venusto, tão placido, tão nobre,
Que ao peito a confiança conduzindo,
Promptamente exclamei: — O' Sacro Nume!
Vens-me trazer a Paz, ou vens a Morte
Conduzir aos meus pobres, tristes lares?!
Hes o Nuncio do Mal; ou lá do Empyrio
Tu baixaste, a cumprir missão sublime?! —

Minha pergunta ouviu; e diz: — Não temas...
Sou o Genio do Bem: — sou dos Imperios
O justo Protector. —
A Discordia ferina, o Mal, o Damno,
Inflexivel affronto:
A branda Paz celeste eu trago ao Mundo,
E com ella a Grandeza e a F'licidade....
Mas, ah! que a torpe Inveja,
Essa Furia avernal, tão sanguinaria,
No seculo presente impéra ufana!!!
Tuas queixas ouvi... (bem justas queixas!...)
Teu penar condoeu-me!..
Mas que esperas, Mortal, si hes virtuoso?!
Desejas grão renome?
Pretendes graças, distincções, afagos,
Respeito, e adoração quasi de hum Nume?
Arranca do pudor o véo sagrado,
Mil infamias commette;
Nas entranhas da Patria o ferro embebe;
Arma filhos, e paes, huns contra os outros,

Irmãos contra os irmãos; concita á guerra,
Sem hum motivo só que justo seja!!!

Vai: ensina o suborno!...
O suffragio, sem pejo, infame vende!..
Perante o teu furor leva de rojo
A lei mais sábia, sacro-santa e justa!
Do tétrico Delicto
A senda perigosa, afouto trilha;
Accumúla thesouros,
Inda que deixes na indigencia, aquelles
A quem, por justa lei
Pertenciam os bens, de que te apossas!...
Maneja a fera Intriga;
A baixa Adulação constante emprega!!...

— No seculo de bronze,
Ou, fallando melhor, no venal sec'lo,
No qual existes, por decreto infausto
Do rígido Destino;
Sómente o ouro vil,
Sómente o torpe Vicio he laureado!!—
Que valem os talentos?...
Que vale hum nome incólume de crimes,
Si os não rodeia da Opulencia o fausto?!..

Si a Mentira jámais manchou teus labios;
Si a Lisonja fallaz

Nunca teve guarida
No teu sacrario virginal do peito;
Inda que sejas, qual o Céo, tão puro,
Teu nome jazerá no olvido immerso!!...
Que tempo, e que costumes
Os da presente edade!
— Tinha a mente bem vaga, o que primeiro
Ousou-a appellidar — Sec'lo de Luzes! —
Ante seus olhos passam tantos feitos,
Tantas atrocidades, tantos crimes,
Que duvido se possa equiparal-os
Aos dos priscos tempos,
A quem chamaram — ferreos,
E que a Historia severa patentêa
Para horror dos humanos!
— Por toda a parte vemos que só reina
A Soberba, Ambição, lethal Discordia!!!

Esse monstro voraz, cruento Egoismo,
Tomando a fórma á doce Liberdade;
Da san Philantropia,
Sem pejo e sem temor, roubando as vestes,
Para, á sombra de nomes tão preclaros,
A miseria trazer, e o abatimento
Ao nascente Paiz, que o Céo creára
Para hum dia se erguer,
E mostrar-se, ufanoso,
Como o primeiro Imperio do Universo;
Inda não vacillou

Ante os meios d'infamia, e de desdouro,
Com que avassallar pretende o Mundo!!...
Mostrando illustração,
Alardeando as Artes:
Prégando que a Sciencia tem tocado
Da rara perfeição o gráu mais alto;
Sómente em enganar leva o seu fito!
—Tudo quanto hoje dizem
Ser novas invenções,
Ah! não creias: pois tudo o que ha na terra,
Já foi, em outras eras mais felizes,
Por humanos mais sabios, e mais puros,
Com cuidadoso esmero investigado. — [25]
Se alguma cousa existe,
Em que adiantado esteja o Mundo,
He só na corrupção, que avilta os Entes!

Esses mesmos, que ufanos
Os povos arruinar sómente almejam,
Ostentando a sagrada Liberdade,
E á sombra d'ella, o roubo, e o assassinio
Vilmente praticando;
Os seus proprios irmãos, seus charos filhos,
(Além das oppressões, de mil martyrios,
Em que constante a vida lhe definham,)
Deixam jazer no mais penoso estado
Da misera Indigencia!
Oh! que philantropia!
Que luzes! que moral! que humanidade!!!

Não desmaies, porêm, Mortal afflicto
Perante este painel
Tão medonho, do sec'lo, que ora volve.
— A Virtude inda não fugiu da terra:
Espavorida, he certo, errante vive,
Mas presto voltará candida e pura! —

O mal inda he curavel...
— Para a Virtude, a sábia Natureza,
O homem fez nascer:
De correcção, por tanto, he susceptivel. —
Assim haja união, haja franqueza;
Aos humanos não manche a Intriga, e o Vicio;
Seja a feia Discordia exterminada,
Impére a doce Paz, e á sombra d'ella
Floresça a Agricultura; e n'abundancia
As Sciencias, as Artes
Encontrem protecção, cresçam, prosperem.

Do Futuro, nas paginas, eu leio
Hum Destino feliz
Á tua chara Patria!...
— Astro formoso assoma no horizonte,
Que cêdo diffundindo ethéreo brilho,
Ha de firmar no vasto, e novo Mundo
O poderoso Imperio auri-fecundo! —

SONETO.

Nocturnas aves ouço estar gemendo.

GLOSA.

Contra mim toda a terra se conspira;
Contra mim se revólta a Natureza;
Contra mim avernal crua fereza
Males concita, damnos só respira!

O que soffro, jámais o Mundo vira!...
Para abrasar-me, existe a chamma acesa!...
Tem a minha ruina mais graveza,
Que a de Troya, de Thebas e Palmyra!!!

Bem que a Virtude sempre haja prezado,
Supporto o fero mal despiciendo,
Que ao Crime só devêra ser votado!

Hum jazigo descubro negro, horrendo...
E em tôrno de meu corpo, inda animado,
Nocturnas aves ouço estar gemendo!!!

NOTAS.

Pag. 6.

Da Orbita, em a qual Chiron [1] governa,

Signo, debaixo de cuja influencia nasceu S. M. I.

Ingenita, sem par, sublime Dita [2]

O Nascimento do Mesmo Augusto Senhor.

Em nossos corações a gloria eterna! [3]

A gloria de possuirmos hum Monarcha Brasileiro, sabio e justo, que conscio das necessidades de seus subditos, ha de promover o bem da Patria, e fazer o Brasil chegar áquelle apogêu de gloria, e de grandeza, para que a Natureza o creou.

Mimoso o Dom do Céo [4], qu'hoje viceja!

S. M. I. o Senhor D. Pedro Segundo, em sua Maioridade.

Pag. 94.

SONETO [5].

Este Soneto foi feito por meu Irmão José Ferreira da Silva, em Montevidéo, no anno de 1825, tendo então vinte annos de edade.

Pag. 105.

Hum *Cardo* [6] exiguo e fraco, junto ao *Cedro*

Huma das muitas especies do *Cactus*, ou *Cardo*, que existem no Brasil, costuma nascer, ou junto á raiz das arvores, e por ellas hir trepando, ou sobre algum dos seus ramos; de maneira que, com o volver do tempo, se apossa da arvore que o alimenta, com tal furor, que acaba por dar-lhe a morte. Raramente, porêm, costuma sobreviver á arvore que assassinou.

Pag. 107.

Branca *Araponga* [7] o cimo eis que lhe galga,

A *Araponga*, passaro bem conhecido nas Provincias do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas Geraes, he pouco menor do que hum *Pombo domestico*, de côr branca, ou tirando a cinzento. Sua voz he tão forte, que muito se assemelha com o *malhar de hum ferreiro*, e ás vezes ao som que produz o limar-se hum ferro.

Já cresce, já se mostra audaz *Figueira* [8].

Entre as immensas especies de *plantas parasitas*, tão abundantes em nossas ricas matas, he, sem duvida, huma das mais temiveis a *Figueira*. Esta planta, cuja semente he levada ao cimo das arvores pelos passaros, ali vegeta e cresce com tal impavidez, e calculo, que, para melhor arreigar-se, costuma, desde o nascimento, hir estendendo suas raizes, e abraçando a arvore, em que se apoia e se alimenta, ao mesmo tempo que huma ou mais raizes caminham direitas para o solo; e assim que n'elle se firmam, segura está a presa, e prestes chegará á miseranda victima o termo final de sua existencia! He tal a força de sua vegetação, que temos visto esta planta vicejar risonha e frondente sobre hum descarnado e secco tronco, como se estivesse collocada no mais bem cultivado terreno! — Como he bonançosa e immensuravel a próvida NATUREZA!!!

Pag. 115.

SONETO [9].

Este Soneto, e o seguinte foram compostos por meu Irmão José Ferreira da Silva, e offerecidos ao nosso Amigo o Ill.mo Sr. Fidelis José Alvares, por occasião do seu feliz Consorcio.

Pag. 120.

Corre ao Templo Sublime [10].

Allude á Festa de NOSSA SENHORA DA GLORIA, que (como todos sabem) costuma ter logar, n'esta Côrte,

com grande pompa, e assistencia de SS. MM. II, no dia 15 de Agosto.

Pag. 124.

DISTICOS [11].

Estes Disticos, e a Ode seguinte, que, por traducção apresentamos ao Respeitavel Publico, foram compostos em Latim, e offerecidos a S. M. I. pelo Rev.mo Sr. Padre Mestre Joaquim Cajueiro de Campos, Professor de Lingua Latina no Lyceu da Cidade de S. Salvador, Capital da Provincia da Bahia.

Pag. 130.

SONHO [12].

Este Sonho he composição de meu Irmão José Ferreira da Silva.

Pag. 142.

CATASTROPHE DO VAPOR ESPECULADORA [13].

Este Poema foi por nós composto, logo depois do terrivel acontecimento que faz o seu objecto, e offerecido em beneficio da Viuva e innocentes filhos de huma das victimas do mesmo. Hoje porêm, que apresentamos ao Respeitavel Publico alguns dos nossos desalinhados versos, julgamos acertado fazel-o publicar de novo, com algumas correcções.

Pag. 147.

E, cheio de furor, ao longe a arroja [14].

A caldeira arrebentou pela pressão do vapor, e com tal força foi expellida, que arrombou o convez da barca, cahindo sobre a parte do mesmo que ficou intacta, do lado da prôa.

Lá ouço os ais magoados de hum que o braço [15]

O Sr. Vicente da Costa Dias, negociante, morador na rua Direita d'esta Côrte, cujo braço ficou preso debaixo da caldeira, onde permaneceu por muito tempo, visto que não era facil levantal-a de prompto.

Outro n'agua fervendo existe immerso [16];

O Sr. Amédée Masson foi precipitado na caldeira, d'onde querendo sahir, agarrou-se em ferros em braza, que lhe dilaceraram as mãos; e fazendo hum ultimo esforço cahiu no convéz, sem sentidos.

Pag. 148.

Huma victima, mais, se precipita [17]

O Sr. Joaquim Alves Barboza, Official da Secretaria da Camara dos Deputados, achava-se na popa da barca; e tentando escapar, precipitou-se no logar que a caldeira havia deixado, onde fracturou as pernas.

Pag. 149.

O Amigo infeliz eis que diviso..... [18]

O Sr. Domingos Pinto de Oliveira Sampaio, o qual foi arrojado ao mar, bem como muitos outros, na occasião da explosão.

Hum intrepido escravo a nado foge..... [19]

Hum escravo, estando na prôa da barca (segundo nos informaram), pegou em dous meninos filhos de seu senhor, e com elles se lançou ás ondas, escapando todos, felizmente, sem soffrerem mal algum.

Pag. 150.

Pois de prompto o soccorro eis que apparece [20];

Achava-se atracado ao cáes *Pharoux* um escaler Americano, o qual foi o primeiro que prestou soccorro ás pessoas que se achavam no vapor. Depois foram chegando alguns botes, bem como mais escaleres dos navios de guerra, principalmente Americanos. As falúas (que mais perto se achavam do logar da catastrophe) foram as ultimas que chegaram; e, por bem da verdade, forçoso he confessar, que alguns patrões, em vez de consolações aos infelizes, lhes dirigiram insultos, e commetteram alguns actos que revelam bem pouca probidade. — Tome sómente o barrete, aquelle a quem bem servir.

Explosão lamentosa a mão tocára [21]!

A Santa Casa da Misericordia, onde se recolheram quarenta e dois feridos, que foram tratados com todo o desvelo, e humanidade.

Pag. 151.

Por mais que ardente, e insaciavel sêde [22]!

Todos os combustos que foram recolhidos á Santa Casa da Misericordia, soffreram, poucos momentos depois da explosão, horriveis calefrios nervosos, acompanhados de ardente sêde; e estes novos padecimentos tornavam ainda mais tormentoso o seu afflictivo estado, apesar de todos os esforços empregados pela Medicina.

Pag. 152.

Os Filhos d'Esculapio, nos feridos [23].

Assim que se espalhou a noticia da catastrophe, correram muitos Medicos á Santa Casa, entre os quaes o de hum dos vasos de guerra Americanos surtos neste porto, que expressamente foi mandado para tal fim, e o Sr. Dr. Maximiano Antonio de Azevedo e Silva, que, assim como nós, acabava de salvar-se do terrivel acontecimento.

Pag. 153.

Da Viuva infeliz, que o charo Esposo[24]

A Sra. D. Eufemia Maria Pinto, cujo esposo (o Sr. Manuel Fernandes Pinto) foi victima da explosão, e falleceu na Santa Casa da Misericordia, deixando-a exposta, com quatro innocentes filhas, aos horrores da indigencia. Para, de alguma sorte, melhorar o miserrimo estado de taes infelizes, foi que apresentamos ao Respeitavel Publico estes dissonantes versos, implorando a sua protecção, e esperando merecel-a, visto havermos applicado o producto de similhante publicação, para tão caridoso, como justo fim.

Pag. 204.

Com cuidadoso esmero investigado. —[25]

Nihil sub sole novum, nec valet quisquam dicere: Ecce hoc recens: jam enim præcessit in sæculis, quæ fuerunt ante nos. ECCLES.

INDICE.

FIM DO INDICE.

LISTA DOS SENHORES ASSIGNANTES.

A. A. Cidade Junior. 1
A. J. Estacio de Lima Filho 1
A. L. de Mariz Sarmento 1
Albino Antonio d'Almeida 1
Albino Cesar Ferrão Castello-Branco 1
Alexandre Manoel d'Araujo Pontes 1
Alexandrino José Fogaças 1
Amaro Pacheco Sobrosa 1
Anacleto Elias de Oliveira 1
Anacleto Teixeira de Queiroga (Dr.). . . . 1
André Antonio Praz. 1
Angelo de Araujo Landim 1
Angelo Thomaz do Amaral 1
D. Anna Esmeria do Sacramento. 1
D. Anna Luiza de Farias. 1
D. Anna Luiza Tinoco Borges 1
Anonima — M. P. de J. 1
Anonimos 3
Anselmo Boeno Freire 1
Anselmo Ferreira Condé 1
Antonio Alves de Carvalho 1
Antonio Alves Ramos. 1
Antonio Antunes Ferreira Pacheco 1
Antonio d'Araujo e Silva 1
Antonio d'Azevedo Gomes 2
Antonio Boeno Freire 1
Antonio Boeno Rangel 2
Antonio de Campos Barboza Fernandes . . . 2
Antonio de Campos Freire 1
Antonio Cardoso d'Araujo 1
Antonio Carlos Pereira 1
Antonio Claudino Rodrigues Coimbra . . . 1
Antonio Coelho Netto 1
Antonio da Costa Nunes. 1
Antonio Custodio Penafiel 1
Antonio Diogo Barboza Lima 1
Antonio Domingos Soares Granville 1

Antonio Eulalio d'Oliveira Pinto 1
Antonio Ferreira Pinto Ribeiro 3
Antonio Francisco de Azevedo Ewerton . . . 1
Antonio Francisco Chaves Filho 1
Antonio Francisco da Costa Vieira. 1
Antonio Gomes d'Araujo 1
Antonio Gomes Coimbra 1
Antonio Gomes da Cunha Palhares 2
Antonio Gonçalves da Rocha 1
Antonio Gonçalves Teixeira e Souza 2
Antonio Joaquim de Castro. 1
Antonio Joaquim da Costa e Cunha 1
Antonio Joaquim de Moira. 3
Antonio Joaquim Pinto d'Aguiar 1
Antonio Joaquim da Silva Rego 1
Antonio Joaquim Soares Ribeiro 1
Antonio Joaquim de Tollêdo 1
Antonio Joaquim de Torres Braga. 1
Antonio José de Carvalho Junior 1
Antonio José Dias. 1
Antonio José Dias Carneiro 1
Antonio José Ferraz 1
Antonio José Ferreira da Silva 1
Antonio José Madureira Brandão 1
Antonio José Martins. 1
Antonio José d'Oliveira Braga 1
Antonio José Pedroso 1
Antonio José Rodrigues Vianna. 2
Antonio José da Silva Pinto 1
Antonio José Silvino. 1
Antonio José Teixeira de Carvalho 1
Antonio José Teixeira da Fonseca. 1
Antonio José Victorino de Barros 1
Antonio Lourenço da Costa 1
Antonio Luiz da Costa 1
Antonio Luiz dos Santos Lima. 1
Antonio Luiz Soares de Miranda 1
Antonio Manoel d'Araujo Costa 1
Antonio Manoel de Castro 1
Antonio Manoel do Nascimento 2

Antonio Maria Barker 1
Antonio Marques Leite de Castro 1
Antonio Martins Claro 3
Antonio Muniz Barreto 1
Antonio de Paula Madureira 1
Antonio de Paula Ramos (Dr.). 1
Antonio Pereira da Costa Jubim 1
Antonio Pinto Coelho de Barros 1
Antonio Pinto da Costa Saraiva. 1
Antonio Ribeiro Furtado Montaury 1
Antonio Rodrigues da Costa e Souza 1
Antonio Rodrigues da Cunha (Dr.) 1
Antonio Rodrigues Maia 1
Antonio Rozendo Rodrigues 1
Antonio da Silva Vianna. 1
Antonio de Souza Mursa 1
Antonio Teixeira Pinto 1
Antonio Teixeira Pires Villela 1
Antonio Tertulianno dos Santos Filho 1
Antonio Vicente Porto 1
Antonio Victor d'Assiz 1
Augusto Candido da Silveira Pinto 1
Augusto Jacintho Mendes 1
Augusto José de Carvalho 1
Augusto Luiz da Motta 1
Aurelianno José Rangel 1
B. (Dr.). 2
Balthazar d'Abreu Cardozo 1
Bartholomeu Almagro 1
Bellarmino Ricardo de Sequeira 1
Belmiro José Alvares 1
Benevenuto de Amorim Soares. 1
Bento José da Costa 1
Bento José Hortes. 1
Bento José Teixeira Lima 1
D. Bernarda Emilia do Prado Brandão e Cordeiro 2
Bernardino José Monteiro Guimarães 1
Bernardino José de Senna Motta 1
Bernardo Pereira de Vasconcellos (Ex.^{mo} Conselheiro d'Estado e Senador) 20

Bernardo Pinto Coelho Guimarães. 1
Braz Nogueira Fragozo 1
Caetano de Barcellos Marinho (Dr.) 1
Caetano Luiz Machado 1
C. Amancio dos Reis. 1
Camillo Maria Nunes 1
Camillo Ricardo Modesto de Sá Rego (Capitão). 1
Candido Duarte Silva. 1
Candido Euzebio Monteiro da Silva 1
Candido Fernandes da Costa Guimarães . . . 1
Candido José Pinheiro de Meirelles 1
Candido José da Silva 1
Candido Martins dos Santos Vianna 1
Candido Matheus de Faria Pardal 1
Candido Munhoz Ruiz 1
Carlos A. G. Leclerc (Dr.) 1
Carlos Augusto de Sá. 1
Carlos José d'Almeida 2
Carlos José de Sequeira Quintanilha 1
D. Claudiana Custodia do Sacramento. . . . 1
Claudiano Silverio de Tollêdo. 1
Claudio Domingues de Salles 1
Clemente José Machado 1
Constantino José Ferreira 1
Custodio Xavier de Barros Filho 1
Cypriano Gomes da Guia. 1
Cyrilo Nunes Fagundes 1
D. A. I. do N. A. 1
Damaso Alves de Tollêdo 1
D. Delfina Candida da Silva Ferreira 1
Diogo Coelho Netto 1
Diogo Correia de Menezes 1
D. Dioguina Maria de Vasconcellos 2
Dionisio da Cunha Ribeiro Feijó 1
Domingos Alves Leite 1
Domingos Alves de Mello 1
Domingos Antonio Alves da Silva. 1
Domingos José de Carvalho Pina 1
Domingos Lopes da Silva Araujo 1
Domingos Martins da Fonseca 1

Domingos Ribeiro Pereira Caldas 1
Dorothêo da Silva Pereira 1
D. Emilia Candida da Motta 1
Egidio Baptista 1
Elias José Alves Guimarães 1
Estanisláu Joaquim de Sampaio. 1
F. C. de Vasconcellos Coimbra. 1
Felicianno Coelho Duarte 1
Feliciano Joaquim de Lacerda Freire. . . . 1
Felicio Veriato Brandão 1
Felicissimo José Tadim d'Oliveira. 1
D. Felisarda Candida de Sequeira. 1
Fernando Mendes da Costa 1
Fernando Pereira Vianna 1
Fidelis José Alvares 1
Fileno Machado Correia 1
Firmino José Moraes 1
F. J. V. Bezerra 1
Flavio José da Silva. 1
Florentino Rodrigues Moreira 2
D. Florinda Candida de Abreu 1
D. Florinda Esmeria do Sacramento. . . . 1
Fortunato Antonio d'Almeida 1
D. Francisca Henriqueta Pinto Peixoto . . . 1
Francisco Alexandre da Cruz Guimarães. . . 1
Francisco Alves d'Andrade 1
Francisco Antonio d'Almeida 1
Francisco Antonio Barata 2
Francisco Antonio Furtado de Mendonça . . 1
Francisco Antonio de Lira 1
Francisco Antonio Ribeiro (Dr.) 1
Francisco Antonio de Souza 1
Francisco d'Araujo Mendonça 1
Francisco d'Araujo Pereira Couto 1
Francisco Bernardes Teixeira de Gouvêa (Dr.). 1
Francisco das Chagas. 1
Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos (Juiz
de Direito) 1
Francisco Egidio Ferreira 1
Francisco Ferreira de Andrade. 4

Francisco Furtado da Costa. 1
Francisco Gomes de Carvalho 1
Francisco Ignacio Curvello 1
Francisco Ignacio Tavares 1
Francisco Joaquim Catete (1.° Tenente d'Artilharia) 1
Francisco Joaquim da Silva Junior 1
Francisco José Barboza Salles Pinto 1
Francisco José Borges 2
Francisco José Cardozo 1
Francisco José de Carvalho. 1
Francisco José da Cruz 1
Francisco José Ferraz Durão 1
Francisco José de Figueiredo 1
Francisco José de Freitas Guimarães 1
Francisco José Gonçalves 1
Francisco José Marianno 1
Francisco José Pereira Guimarães 1
Francisco José da Rocha Oliveira 1
Francisco José Rodrigues da Silva Bastos. . . 1
Francisco Luiz Machado. 1
Francisco Luiz da Motta. 1
Francisco Manoel e Silva. 1
Francisco Mendes Rodrigues 1
Francisco de Menezes Dias da Cruz 1
Francisco Nunes de Paula 1
Francisco de Paula Bitancourt 1
Francisco de Paula Costa (Dr.). 1
Francisco de Paula Couto 1
Francisco de Paula Ferreira 1
Francisco de Paula Lima 1
Francisco de Paula Menezes 1
Francisco de Paula Ribeiro d'Almeida . . . 1
Francisco de Paula Rodrigues 1
Francisco Pereira de Aguiar (2.° Tenente d'Engenheiros) 1
Francisco Pereira Caldas 4
Francisco Pereira da Silva 1
Francisco Pereira da Silva (2.° Tenente d'Engenheiros) 1

Francisco dos Santos Guimarães 1
Francisco de Souza Ramos (Dr.) 1
Francisco Vieira de Sampaio 1
Francisco Vieira da Silva Cavalcanti 1
Francisco Xavier de Oliveira 1
Francklin da Costa Ferreira (1.° Tenente d'Engenheiros) 1
F. R. d'Escobar 1
Gabriel Fernandes de Gouvêa 2
Gabriel Teixeira Pinto 1
Guilherme Castanhé 2
Guilherme Gomes d'Andrade 1
Guilherme Pinto de Magalhães (Commendador) 1
Guilherme Theodoro Rodrigues Junior 1
Gustavo Adolpho Fernandes Pinheiro da Cunha. 1
Henrique Americo de Sequeira. 1
Henrique Augusto de Mariz Sarmento 1
Henrique Ferreira da Silva 1
Henrique José de Freitas 1
Henrique da Silva Maia 1
Hermenegildo Duarte Monteiro 1
Honorio Ribeiro Caldas 2
Ignacio Adrião da Nobrega Lins 1
Ignacio Felisardo Fortes (Padre) 1
Ignacio José de Abreu 1
Ignacio Manoel Alvares de Azevedo (Juiz de Direito) 1
Innocencio Jacintho Penque 1
Innocencio da Rocha Galvão 1
Irêno Antonio das Virgens 2
Isidro Victorino Mendes de Miranda 1
Israel Rodrigues da Rocha 1
J. A. B. M. Barreto 2
Jacintho Pinto de Araujo Corrêa (Coronel e Commendador) 1
Jacintho de la Rosière 1
Jacintho de Souza Mariz Sarmento 1
Jacome José Varella 1
Jeremias Maciel Soares 1
Jeronimo José Xavier. 1

Jesuino José Corrêa 1
J. Felix da Fonseca 1
J. Manoel da Costa Junior 1
J. M. d'Oliveira 1
J. M. da Silva 1
D. Joanna Sorrilha de Lalastra. 1
João Alves Nogueira. 1
João Antonio de Amorim 1
João Antonio da Motta. 1
João Antonio Negreiros de Carvalho 1
João Antonio de Souza. 1
João Antonio de Souza Pinto 1
João d'Azevedo Carneiro Maia (Dr.) 1
João Baptista Braziél. 1
João Baptista Costa Pereira. 1
João Baptista da Silva 1
João Baptista da Silva Pereira (Commendador) 1
João Barboza Rodrigues. 1
João Carlos de Mariz Sarmento 1
João Carlos Teixeira de Carvalho 1
João Carneiro de Campos (Ex.^{mo} Conselheiro) . 1
João Chrisostomo da Costa 1
João Chrisostomo Machado. 2
João Chrisostomo dos Santos Magano 1
João Climaco Alves da Cunha. 1
João Coelho Barreto. 1
João Coelho Gomes 1
João Corrêa de Oliveira. 1
João Damaceno da Costa 1
João Dias Pinto de Figueiredo 1
João Duarte Dias (Dr.) 1
João Firmino da Costa Barradas 1
João Francisco da Silveira 2
João Gomes Xavier 1
João Gonçalves Ribeiro (Padre) 1
João Grossmann 1
João José Fernandes Coelho (Dr.). 1
João José Ferreira Lima. 1
João José Pereira Alves. 1
João José Pereira Dias 2

João José Pimentel (Dr.) 1
João José da Silva Guimarães. 1
João Leite Franco 1
João Lourenço Dias Guimarães 1
João Martins do Amaral Junior 1
João Martins Cornelio dos Santos. 1
João Mendes da Costa 1
João Miguel da Costa Junior 1
João Nepomuceno Cantalice 1
João Pedro de Faria. 1
João Pinto de Miranda 1
João Procopio Lopes Monteiro (Dr.). 1
João Quintos Coutinho de Menezes 1
João Ribeiro d'Almeida 1
João Rodrigues Fagundes (Dr.) 1
João Rodrigues de Souza 1
João Soares Ribeiro Guimarães 1
Joaquim Alvaro de Lara e Souza 1
Joaquim Antonio da Silva Valença. 1
Joaquim Antonio Teixeira 1
Joaquim Antunes de Figueirêdo (Dr.). . . . 2
Joaquim Augusto da Cunha Porto. 1
Joaquim Baptista Magalhães 1
Joaquim Corrêa da Silva. 1
Joaquim Dias Carneiro 1
Joaquim Fernandes Pereira Martins 1
Joaquim Ferreira Pinto 1
Joaquim Ferreira da Silva Guimarães 1
Joaquim Francisco d'Assiz Porto 1
Joaquim Francisco Bastos 1
Joaquim Francisco de Oliveira Furtado 1
Joaquim Gonçalves Marques 1
Joaquim Gonçalves de Oliveira. 1
Joaquim Gonçalves Victoria. 1
Joaquim Ignacio Garcia Terra 1
Joaquim José de Carvalho 1
Joaquim José de Carvalho Motta 1
Joaquim José da Costa (Vigario) 1
Joaquim José Jorge 1
Joaquim José Marques Madureira 1

Joaquim José Moreira Monteiro 1
Joaquim José Portugal 1
Joaquim José Ribeiro 1
Joaquim José Rodrigues Torres (Ex.^{mo} Conselheiro, e Senador). 1
Joaquim José Rodrigues Vianna 1
Joaquim José de Souza 1
Joaquim Luiz da Rocha e Silva. 1
Joaquim da Luz Barros 1
Joaquim Manoel de Macedo (Dr.). 1
Joaquim Manoel Ribeiro Rosa 1
Joaquim Manoel de Tollêdo (Padre) 1
Joaquim Marianno Alvares 1
Joaquim Marianno de Azevedo Soares (Dr.). . 1
Joaquim Marques da Cruz 1
Joaquim de Mello Ferreira 1
Joaquim Mendes Ferreira 1
Joaquim d'Oliveira Porto 1
Joaquim Pereira dos Santos. 1
Joaquim Peres de Araujo 1
Joaquim Pinto Pinheiro 1
Joaquim Ribeiro de Mendonça 1
Joaquim Rodrigues da Silva. 1
Joaquim Teixeira Bastos. 1
José Alves de Abreu Picaluga. 1
José Antonio d'Avila 1
José Antonio da Cruz Guimarães 1
José Antonio Delgado 1
José Antonio Freire 1
José Augusto Gomes de Menezes (Juiz de Direito). 2
José Antonio Lopes de Lima 1
José Antonio Moreira Guimarães. 1
José Antonio d'Oliveira e Silva Filho (Juiz Municipal) 2
José Antonio Ribeiro 1
José Antonio da Rocha 1
José Antonio da Silva 1
José Antonio Vieira de Castro. 1
José Bernardes Gomes 1

José Bernardino Baptista Pereira (Ex.^{mo} Conselheiro). 1
José Bettamio 1
José Caetano d'Almeida e Silva 1
José Caetano da Silva Guimarães 1
José Cancio Pereira Soares. 1
José de Castro e Silva 1
José Corrêa dos Santos 1
José da Costa Relvas. 1
José Custodio Coelho Leal Junior 1
José Custodio Cotrim da Silva. 1
José Dias da Silva 1
José Domingues Nogueira 1
José Domingues dos Santos 1
José Felicianno da Costa Monteiro 1
José Fernandes Borgueira 1
José Firmino Marques 1
José Florencio d'Araujo Soares (Juiz d'Orphãos) 1
José da Fonseca Rangel 1
José Francisco Freire da Matta. 1
José Gomes Ribeiro Lessa. 1
José Gonçalves de Araujo Vianna 1
José Gonçalves Rios 1
José Gonçalves da Silva. 2
José Joaquim de Barros 1
José Joaquim Correia d'Almeida (Padre). . . 1
José Joaquim Gonçalves da Silva. 1
José Joaquim Lacerda Novaes 1
José Joaquim de Lima e Silva (Dr.) 1
José Joaquim de Lima e Silva (Ex.^{mo} Tenente General, e Conselheiro d'Estado). 1
José Lopes d'Azevedo. 2
José Joaquim Marques de Abreu 50
José Joaquim d'Oliveira 1
José Joaquim Ribeiro Vianna 1
José Joaquim Romano Meirelles 1
José Joaquim da Silva e Sá 2
José Joaquim Teixeira de Carvalho 2
José Leite da Costa Farias. 1

José Luiz Alfredo da Costa Barradas 1
José Luiz da Costa 1
José Luiz da Costa (Dr.) 1
José Luiz de Faria Guimarães. 1
José Luiz de Souza 2
José Maria da Costa 1
José Maria de Freitas. 1
José Maria Martins 1
José Maria de Paula e Silva 1
José Marianno de Oliveira 1
José Marques da Motta (Padre) 1
José Marques da Motta Guimarães 1
José Mattoso d'Andrade Camara (Juiz de Direito). 1
José Navarro de Andrade (2.º Tenente d'Artilharia). 1
José Nicoláu da Costa Ferreira 1
José Paulo Pereira de Magalhaes 1
José Paulo Sudré 1
José Pedro Gomes 1
José Pereira Celestino (Padre) 1
José Pereira Leitão 1
José Peres de Oliveira 1
José dos Reis Ferraz 1
José Ribeiro de Carvalho 1
José Rodrigues Pinto. 1
José Rodrigues Pinto Coimbra 1
José Severino d'Albuquerque Lima 1
José da Silva Leão. 1
José da Silva Lima 3
José da Silva Ramos. 1
José da Silva Salgado. 1
José Silverio do Nascimento 2
José Simeão de Oliveira (Tenente Coronel) . . 1
José Simões da Silva Ferraz Junior 1
José de Souza Barros 1
José de Souza Carneiro Braga. 1
José de Souza Velloso 1
José Theodomiro dos Santos 1
José Thomaz de Oliveira. 1
José Tiburcio Carneiro de Campos 1

José Urbano de Carvalho 1
José Urbano da Silva Brandão 1
José Vieira de Almeida (Dr.). 2
José Virgilio Ramos d'Azevedo 1
Julio Pereira Vianna de Lima 1
Justino Ferreira da Silva 1
Ladisláu José da Fonseca 1
Leandro Antonio Ferreira 1
Leandro Antonio Ferreira Nunes 1
Leandro Barboza Teixeira 1
Leandro José de Souza 1
Leonardo Gomes Xavier. 1
Liborio José d'Almeida 1
Lino Antonio Pinto 1
Lourenço Justinianno da Silva (Dr.). . . . 1
Luiz Antonio Burgain 1
Luiz Antonio Goulart 1
Luiz Francisco Torres 1
Luiz Joaquim Alves Galvão 1
Luiz José Bardy 1
Luiz Manoel de Azevedo Soares 1
Luiz Maria Epifanio d'Almeida. 1
Luiz Marianno Rodrigues 1
Luiz Mendes d'Andrade Almada 1
Luiz da Motta Ribeiro 1
Luiz Pinto Guedes Smissaert Caldas (Ex.^{mo} Gentilhomem). 1
Luiz Rodrigues d'Almeida 1
Luiz Rodrigues de Massena 1
Manoel d'Almeida Lisboa Junior 1
Manoel Alves Carneiro e Correia 1
Manoel Alves da Silva Capucho 1
Manoel Antonio de Barros 1
Manoel Antonio Pinto de Queiroz. 1
Manoel Antonio da Silva Guimarães. . . . 1
Manoel Antunes Moreira 1
Manoel Antunes de Sequeira 1
Manoel Barboza Lima 1
Manoel Caetano de Gouvêa 1
Manoel Caetano Jardim 1

Manoel Cardoso Linhares. 1
Manoel de Carvalho 1
Manoel de Castro Pompeia 1
Manoel Cornelio dos Santos Junior 1
Manoel Dias Carneiro 1
Manoel Felisardo da Motta 1
Manoel Ferreira da Costa Neves 1
Manoel Ferreira Guimarães. 1
Manoel da Fonseca Mello (Padre) 1
Manoel Francisco Malta Junior 1
Manoel Francisco dos Reis 1
Manoel Francisco de Souza Guimarães . . . 1
Manoel Gomes da Cunha e Silva 1
Manoel Gomes dos Santos 1
Manoel Gomes Xavier 1
Manoel Gonçalves da Rocha 1
Manoel Joaquim de Castilhos 1
Manoel Joaquim Gonçalves Rebello 1
Manoel Joaquim Pinto Pacca (Ex.mo Coronel e Deputado) 20
Manoel José da Camara Junior. 1
Manoel José Gomes Pereira de Macedo . . . 1
Manoel José Nunes dos Reys 1
Manoel José Peixoto Merelim 1
Manoel José da Rocha Guimarães 1
Manoel José de Souza Leite Filho 1
Manoel José Taveira Cardoso 1
Manoel José Teixeira Netto 1
Manoel Liborio de Souza Mariz Sarmento . . 1
Manoel Luiz da Cunha Vianna. 1
Manoel Luiz do Nascimento 1
Manoel Pinto de Magalhães. 1
Manoel Ramos do Espirito Santo 1
Manoel Ribeiro de Almeida (Capitão). . . . 26
Manoel Rodrigues Pereira Mello 1
Manoel de Santa Ursula (Frey). 1
Manoel de Souza Couto 1
Manoel Theodoro Xavier 1
Marcellino José Peçanha 1
Marcos Pereira de Salles (Capitão d'Engenheiros) 1

D. Maria Candida Jardim 1
D. Maria Carneiro de Sá. 2
D. Maria Felismina de Torres 1
D. Maria Joaquina Palhares de Barros . . . 1
D. Maria Silveria Candida Meirelles 1
D. Marianna Emilia Santos Palhares 1
D. Marianna Ignacia de Sequeira 1
Marianno José da Rocha. 1
Marianno Rodrigues Pinto 1
Matheus Magno Ferraz 1
Miguel Calisto de Moura Botelho 1
Miguel Gonçalves Lopes 1
Miguel José Coelho Saldanha 1
Miguel José Gonçalves 1
Miguel José dos Santos Vermil 1
Miguel Rodrigues Barcellos 1
Misaél da Silva Torres 1
Nazario Antonio Barboza 1
Nicoláu Adriano da Silva Carvalho. 1
Nicoláu de Azeredo Coutinho Messeder . . . 1
Octavianno José Pacheco 1
Pacifico Americo de Sequeira 1
Paulino José Rodrigues dos Santos (Padre) . . 1
Paulino José Soares de Souza (Ex.mo Conselheiro) 1
Paulino do Rego Barros 1
Paulo Antonio dos Santos 1
Pedro d'Alcantara Cordeiro 1
Pedro José de Castro. 1
Pedro Lapa Costa. 1
Pedro Luiz de Souza 2
Pedro Mariz de Souza Sarmento 1
Pedro Ramos da Silva (Dr.) 1
Pedro Rodrigues Branco Vianna 1
Poncianno Anastacio Rosa 2
Praxedes Pertence 1
R. A. C. Andrade 1
Rafael Pereira de Carvalho 1
Raimundo Antonio Teixeira (Dr.). 1
Ricardo Pereira da Rocha 1
Rios Moço (Padre) 1

Rodrigo José de Figueiredo Moreira (Commendador) 4
Sabino Antonio Delgado. 1
Sabino Francisco Frougeth (Dr.) 1
Sacchi Francescos. 2
Salustianno Antonio Rodrigues 1
Salvador Furtado de Mendonça 1
Sebastião Ferreira Soares 1
Sebastião Marques Fernandes 1
Sergio Marcondes d'Andrade 1
Silverio Antonio Delgado 1
Silverio Soares Lucindo 1
Silvino José d'Almeida 1
D. Theodora Urbana da Silva Brandão . . . 1
Theodoro Augusto Pamplona 1
Theodoro José da Cruz 1
Torquato Pinto de Mello 1
Tristão José de Sampaio 1
D. Umbelina Candida de Abreu 1
Valentim Gomes Tolentino 1
Vicente Ferreira de Castro e Silva 1
Vicente Ferreira de Sampaio 1
Zeferino Ferreira de Faria 1
Zeferino José de Andrade 1

Rio de Janeiro, Typ. Univ. de Laemmert, rua do Lavradio, 53.